



Universidade de Brasília
Centro de Excelência em Turismo

PROPOSTA PAISAGÍSTICA “RANCHO AGUILHADA” – DISTRITO FEDERAL

Aluna: Maria Cristina Passos Novais

Orientadora: Carmen Regina Mendes de Araújo Correia

Trabalho final apresentado ao
Centro de Excelência em Turismo
da Universidade de Brasília como
requisito parcial para a obtenção do
certificado de Especialista em
Ecoturismo.

Brasília, DF, Setembro de 2004

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Centro de Excelência em Turismo
Curso de especialização em Ecoturismo

PROPOSTA PAISAGÍSTICA
“RANCHO AGUILHADA” – DISTRITO FEDERAL

Aluna: Maria Cristina Passos Novais

Banca Examinadora: José Wilson Corrêa Rosa e
Mônica Veríssimo dos Santos

Carmen Regina M. de A. Correia, Dra., Engenheira Agrônoma
Orientadora

José Wilson Corrêa Rosa, Dr., Geólogo
Membro da Banca

Mônica Veríssimo dos Santos, Dra., Geóloga
Membro da Banca

Brasília, DF, 20 de Setembro 2004

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo dom da vida;

À Professora Carmen Regina pela orientação, dedicação e generosidade;

E a todos que de alguma forma contribuíram para o resultado deste trabalho.

RESUMO

Este projeto tem como objetivo apresentar uma proposta paisagística para o empreendimento rural Rancho Aguilhada, localizado na porção sudeste do Distrito Federal, Região Administrativa de São Sebastião, BR-251, no Km 69, conjunção com a DF 135, ocupando uma área total de 55ha. A elaboração deste projeto paisagístico tem como pontos principais, a valorização deste espaço rural proporcionando um padrão estético de maior qualidade para o local, e também proporcionar aos visitantes, uma área agradável para recreação e descanso ao ar livre. A proposta do projeto visa o melhor aproveitamento da área com a introdução de espécies nativas do cerrado e a preservação das espécies existentes.

ABSTRACT

This project's object is to present a new landscape propose to the rural undertaking *Rancho Aguilhada*, which is located at the southeast piece of the Federal District, São Sebastião's administration region, BR-251, at Km 69, near the DF 135, occupying a 55ha area. The making of this landscape project has as it's principal points the valorization of the rural space giving a high quality esthetic pattern to the place, and also giving to the visitors an enjoyable place to recreation and an open space break. The project propose aims the best using of the area by planting native species of the scrub land and the preservation of the existent species.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| 1.INTRODUÇÃO | 1 |
| 2. ESTADO DA ARTE | 4 |
| 2.1. Um Olhar sobre o Cerrado do Distrito Federal | 4 |
| 2.1.1. O Cerrado do DF | 4 |
| 2.1.2. A Fisionomia do Cerrado no DF | 5 |
| 2.1.3. O Cerrado do DF e o seu Estado de Conservação | 14 |
| 2.2. O Paisagismo no Turismo Rural..... | 23 |
| 2.2.1. A Definição de Paisagismo..... | 23 |
| 2.2.2. A Importância do Paisagismo | 25 |
| 2.2.3. O Paisagismo Agregado ao Turismo Rural | 26 |
| 2.2.4. O Turismo Rural no DF | 33 |
| 2.2.5. A Conservação do Cerrado no Turismo Rural..... | 42 |
| 3. ÁREA DE ESTUDO..... | 51 |
| 3.1. Rancho Aguilhada | 51 |
| 3.1.1. Localização Territorial | 51 |
| 3.1.2. Localização Ambiental..... | 53 |
| 3.1.3. Bacia Hidrográfica | 53 |
| 3.1.4. Hidrologia | 53 |
| 3.1.5. Vegetação | 54 |
| 3.1.6. Fauna | 55 |
| 3.1.6. Características..... | 55 |
| a) Agroturismo | 56 |
| b) Barragem..... | 56 |
| c) Estradas | 57 |
| 4. PROPOSTA PAISAGÍSTICA..... | 58 |
| 4.1. Metodologia | 58 |
| 4.2. Descrição das Áreas | 58 |
| a) Área I - Estacionamento..... | 58 |
| b) Área II - Entrada Principal | 59 |
| c) Área III - Salão de Refeições..... | 59 |
| d) Área IV - Chalés | 60 |
| e) Área V - Quiosque do Artesanato | 61 |
| f) Área VI - Área em Frente ao Bar..... | 62 |
| g) Área VII - Piscina..... | 62 |
| h) Área VIII - Represa..... | 63 |
| i) Área IX - Acesso a Churrasqueira | 64 |
| j) Área X - Acesso a Cascata | 65 |
| k) Área XI - Cascata | 65 |
| 5. RESULTADOS | 66 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 67 |
| ANEXOS | 70 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 01 – O Cerradão em Planaltina/DF..... | 06 |
| Figura 02 – Vista parcial do Cerrado..... | 07 |
| Figura 03 – Rodovia sentido Taguatinga Norte / Brazlândia..... | 08 |
| Figura 04 – Campo Sujo em Planaltina/DF..... | 09 |
| Figura 05 – Perfil de solo de Cerrado em Campo Limpo..... | 10 |
| Figura 06 – Mata de Galeria na Bacia do São Bartolomeu..... | 11 |
| Figura 07 – Campo de Murundu do Parque Boca da Mata em Taguatinga..... | 12 |
| Figura 08 – Buriti (<i>Mauritia flexuosa</i>)..... | 13 |
| Figura 09 – Mapa das Administrações Regionais do Distrito Federal..... | 52 |
| Figura 10 – Lateral do Salão de Refeições..... | 60 |
| Figura 11 – <i>Dombeya sp.</i> em frente aos Chalés..... | 61 |
| Figura 12 – Vista da Piscina..... | 63 |
| Figura 13 – Vista da Represa..... | 64 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| TABELA 1 – Cobertura vegetal e uso do solo no DF..... | 16 |
| TABELA 2 – Perda da cobertura vegetal no DF no período de 1954 a 1998..... | 16 |

1. INTRODUÇÃO

O paisagismo é um fator significativo para o sucesso de empreendimentos turísticos, pois promove uma melhoria no micro-clima, na estética da paisagem, na atração de pássaros silvestres e de insetos polinizadores, na produção de frutos alimentícios, no desenvolvimento da educação ambiental, na proteção dos solos, na melhoria da qualidade do ar, dentre outros fatores.

As propriedades rurais que atuam no Turismo Rural, no DF, geralmente apresentam deficiências no que tange ao paisagismo. Em muitas dessas propriedades, quando possuem jardins, não se verifica a utilização de técnicas de composição paisagística e subestimam-se as plantas nativas. A utilização de plantas exóticas descaracteriza o ambiente rural, prejudicando a interpretação condizente à cultura e à história locais.

A conservação e a introdução de espécies nativas do Cerrado enriquece a paisagem e é um fator significativo para o sucesso do empreendimento turístico rural, agregando fatores significativos, anteriormente mencionados e proporcionando bem estar ao visitante.

É adequada e altamente recomendável a introdução de espécies fruteiras na zona rural, pois as mesmas podem substituir as ornamentais devido a beleza, a graça e a adaptação harmônica que as envolvem. Além do mais se tornam pontos de atração para os pássaros e os seres humanos que se alimentam com seus frutos enquanto partilham a beleza do jardim ao redor.

É necessário o emprego das espécies nativas no paisagismo rural, já que estas estão perfeitamente entrosadas no ecossistema local, por força de processo evolutivo durante várias gerações, e que já sofreram todas as modificações genéticas estruturais compatibilizantes com o meio ambiente onde vegetam. Desta forma Barbosa (2000) reitera a valorização das plantas nativas:

“É importante não desvalorizar as plantas nativas. Afinal, todas as espécies de plantas ornamentais, tidas e cultivadas como valiosas preciosidades, advêm, originariamente, de alguma região do mundo onde são nativas, ocorrendo espontaneamente em meio a outras espécies que, embora igualmente ingênuas, não despertam a atenção dos colecionadores botânicos” (Barbosa, 2000).

Segundo Barbosa (1989), faz-se necessário entender que paisagismo é o meio pelo qual o ser humano pode conseguir restabelecer parte do equilíbrio rompido da natureza através de sua própria ânsia progressista; desequilíbrio este que hoje se faz sentir em todas as partes do mundo civilizado através de muitas catástrofes naturais no meio ambiente conturbado e poluído em terra, mar e ar.

Sendo assim, o paisagista exerce um papel de suma importância na sociedade, não só em adotar o paisagismo como uma profissão ou apenas para preencher o seu tempo, mas fazendo uma junção entre a sua vocação artística e os seus conhecimentos técnicos, que lhe proporcione o dom de poder interferir na natureza para refazer a paisagem sem agredi-la, e que esteja apto para manejar com destreza e harmonia os componentes que envolvem a natureza, ordenando-os adequadamente nos projetos de paisagismo, bem como evitando violentar os elos essenciais, da natureza, responsáveis pela manutenção do equilíbrio ecológico.

O paisagismo a ser implantado no espaço rural requer o devido planejamento para evitar o prejuízo do seu perfeito desenvolvimento.

Este projeto é uma proposta paisagística para o empreendimento rural Rancho Aguilhada, situada na Porção sudeste do Distrito Federal, Região Administrativa de São Sebastião – RA XIV. O acesso se dá próximo à Nova Betânia, pela BR-251, no Km 69, conjunção com a DF 135, distante 4 Km por estrada de terra, possuindo uma área de 55ha. O objetivo geral é revitalizar o paisagismo deste empreendimento que desenvolve o turismo rural, tendo como objetivos específicos: i) identificar as espécies nativas de interesse para o paisagismo; ii) apresentar ao proprietário uma proposta de preservação da vegetação nativa existente na propriedade; e iii) elaborar um projeto paisagístico de acordo com as características dos espaços livres e construídos na propriedade.

O presente trabalho visa mostrar a importância do paisagismo agregado ao Turismo Rural, pois o mesmo possui um potencial de espécies nativas do cerrado do DF que possibilita uma beleza única, variável significativa para o desenvolvimento de empreendimentos turísticos rurais.

2. ESTADO DA ARTE

2.1. UM OLHAR SOBRE O CERRADO DO DISTRITO FEDERAL

“Nem tudo que é torto é errado,
Vide as pernas do Garrincha
E as árvores do cerrado.”
Nicholas Behr (Poeta e Ecologista)

Este capítulo visa caracterizar o Cerrado do DF, mostrando a riqueza, o uso, o estado de conservação, a importância, as ocupações indevidas e a necessidade de ser cuidado, enquanto o mesmo se faz presente.

2.1.1. O Cerrado do DF

Segundo SEBRAE/DF (1997) o termo Cerrado se refere à província vegetal intertropical brasileira predominante sobre solos arenosos. Ocupa o estrato superior da vegetação, espécies arbóreas de aspecto tortuoso, com caules revestidos de grossas cascas e com pequenos arbustos e gramíneas. Sua área aproximada é de 2 milhões Km², cobrindo parte do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, quase todo o estado do Goiás, parte do Piauí e Maranhão. Aparecem em manchas na Amazônia, nos tabuleiros nordestinos e ainda em São Paulo e Paraná.

A região do DF, localizada no Centro-Oeste do País, destaca-se pela diversidade, beleza e fragilidade do seu meio ambiente. Está situada em área de cabeceira de drenagem e é divisora de águas das três maiores bacias hidrográficas do Brasil: Araguaia-Tocantins, São Francisco e Prata (de abrangência internacional).

O DF possui uma área de 5.788,1 Km². Tem como limites naturais o rio Descoberto, a oeste, e o rio Preto, a leste. Ao norte e ao sul é delimitado por linhas secas que definem o quadrilátero. Sua área está totalmente inserida na região de Cerrados. O DF tem algumas áreas totalmente protegidas e outras bastante alteradas e frágeis, em função do uso inadequado do solo e das águas. Em oposição a uma riqueza paisagística e de grande biodiversidade, o DF possui baixa disponibilidade de recursos hídricos superficiais e subterrâneos, condicionada pela geomorfologia do território, ainda não totalmente conhecida. Há indicativos de baixos estoques subterrâneos.

Conforme documento divulgado pelo SEBRAE/DF (2000), o Cerrado oferece grande diversidade de clima, de solo e de composição biológica. Existem cerca de 11 biotas (floras + faunas), que caracterizam os diversos tipos de Cerrado. Sua biodiversidade pode ser comparada à da Amazônia. Somente na área do rio São Bartolomeu pesquisas identificam 1.700 espécies de plantas. A composição dos diferentes tipos do Cerrado é apenas parcialmente conhecida: são cerca de 2.000 espécies de plantas lenhosas nativas e um número bem maior de herbáceas. Só no DF, por exemplo, existem mais de 233 espécies de orquídeas e mais de 270 espécies de gramíneas. São árvores típicas da região a pombeira (*Cytherexylum myrianthum*), a aroeira (*Myracrodruon urundeuva*), o tamboril (*Enterolobium contortisiliquum*), o buriti (*Mauritia flexuosa*), o araribá (*Centrolobium tomentosum*), o bálsamo (*Myrocarpus frondosus*), o jequitibá (*Cariniana legalis*) e a peroba (*Aspidosperma tomentosum*), entre várias outras.

2.1.2. A Fisionomia do Cerrado no DF

A vegetação típica do DF é o Cerrado, que é considerado o segundo bioma mais rico do mundo no Planalto Central Brasileiro, ocupando uma área de cerca de 200 milhões de hectares. Cerca de 85% da extensão do bioma Cerrado são cobertos por vegetação típica, com algumas variações de densidade

e biomassa. O Cerrado propriamente dito é dividido, tradicionalmente, em cinco gradientes de biomassa, quais sejam:

- Cerradão – cada vez mais rara é uma vegetação exuberante, tipicamente arbórea, fechada e geralmente de altura irregular, de 7 a 15 m, com árvores individuais que chegam a 18-20 m de altura (figura 1). Pode ser visto, por exemplo, ao lado e em frente ao Jardim Botânico de Brasília.



Figura 1 – O Cerradão em Planaltina/DF

Fonte: SEBRAE-DF (2000)

- *Cerrado* – também chamado de Cerrado Típico, é o mais freqüente no DF. Caracteriza-se pela existência de árvores mais espaçadas e de menor porte; possui uma camada de vegetação lenhosa que se destaca de uma camada rasteira (figura 2). Pode ser visto, por exemplo, contornando o aeroporto e a Base Aérea de Brasília.



Figura 2 – Vista parcial do Cerrado

Fonte: SEBRAE-DF (2000)

- *Cerrado Ralo ou Campo Cerrado* – o Cerrado Ralo, também chamado Campo Cerrado, é uma forma intermediária de

vegetação entre o Cerrado Típico e o Campo Sujo. O Cerrado Ralo difere do Cerrado Típico por ser mais aberto e por apresentar outras características próprias (figura 3). Pode ser visto, por exemplo, na bacia do ribeirão Pipiripau, em Planaltina.



Figura 3 – Rodovia sentido Taguatinga Norte / Brazlândia
Fonte: SEBRAE-DF (2000)

- *Campo Sujo* – tem composição semelhante à do Cerrado Típico e à do Cerrado Ralo. A cobertura de árvores e arbustos, entretanto, é mínima (cerca de 15%), o que significa a presença de até 5

árvores grandes por hectare ou de até 20 árvores pequenas por hectare (figura 4). Pode ser vista nas áreas de maior declividade, como na APA do Cafuringa – bacia do rio Maranhão.



Figura 4 – Campo Sujo em Planaltina/DF

Fonte: SEBRAE-DF (2000)

- *Campo Limpo* – normalmente situa-se sobre solos arenosos, rasos e duros, nos quais ocorre uma deficiência de água nos meses secos. Pode chegar a cobrir a quase totalidade das

chapadas arenosas, topos e encostas de morros. Caracteriza-se pela grande quantidade de gramíneas e ervas, que raramente alcançam um metro de altura. Árvores e arbustos são mais raros, chegando mesmo a inexistir. Os campos limpos são usados como pastagens naturais, pois seus recursos forrageiros são abundantes, especialmente após a passagem do fogo. Algumas leguminosas ricas em proteínas ocorrem junto com a massa gramínea, ajudando a elevar seu valor forrageiro (figura 5). Pode ser observado, por exemplo, no Jardim Botânico de Brasília.



Figura 5 – Perfil de solo de Cerrado em campo limpo

Fonte: SEBRAE-DF (2000)

- *Mata Ciliar ou de Galeria* – ocorre ao longo dos rios, córregos e outros cursos d'água. É mata rica em madeiras de lei e árvores de alto porte. Há dois tipos de mata ciliar: a úmida ou inundada e

a mata seca (figura 6). Pode ser vista ao longo dos cursos d'água em todo o Distrito Federal, cobrindo cerca de 5% de seu território. São áreas de preservação permanente protegidas por lei federal (Lei 6.938/81).



Figura 6 – Mata de galeria na Bacia do São Bartolomeu

Fonte: SEBRAE-DF (2000)

- *Vereda* – ambiente bastante peculiar onde o solo apresenta constante saturação de água, formando banhados e pântanos. Ocorre em solos rasos, encostas e morros. Em geral, longa e

larga, possui vegetação típica, com a presença da palmeira buriti (*Mauritia flexuosa*). É de grande importância ambiental, por constituir área de reserva de alimentos e de água para muitas espécies animais na época da seca, além de representar um filtro contra a erosão e a contaminação das águas, com a preservação das nascentes (figura 7). O mais representativo é aquele que constitui o Parque Boca da Mata, em Taguatinga.



Figura 7 – Campo de Murundu do Parque Boca da Mata, em Taguatinga
Fonte: SEBRAE-DF (2000)

Ocorrem também as Matas de Galeria, ao longo dos cursos d'água, as Veredas, com a presença característica do buriti (*Mauritia flexuosa*), os Campos de Murundus, geralmente associados às Veredas, e os Campos de

Altitude (figura 8). Essa variação de tipo de vegetação é devida, principalmente, a fatores tais como, profundidade do solo, disponibilidade de água, fertilidade, pH, entre outros.



Figura 8 – Buriti (*Mauritia flexuosa*)

Fonte: SEBRAE-DF (2000)

Caracteriza-se pela presença de árvores e arbustos de troncos retorcidos e de casca espessa, com sinais de queimada, folhas coriáceas (com textura semelhante à do couro) e grandes, simples ou divididas, em muitos casos, com numerosos pêlos. No nível do solo, ocorre uma densa cobertura de gramíneas e plantas herbáceas. Os estudos efetuados consideram que a vegetação nativa do Cerrado não apresenta essa característica pela falta de água, pois ali se encontra uma grande e densa rede hídrica, mas devido a outros fatores edáficos (de solo), como o desequilíbrio no teor de micronutrientes, a exemplo do alumínio.

À primeira vista, o Cerrado oferece a falsa impressão de pobreza faunística, quando na realidade tem uma altíssima diversidade específica. A fauna do Cerrado possui representantes dos mais variados elos que compõem a cadeia alimentar. Assim, apresenta elementos das cinco classes de vertebrados: mamíferos, aves, répteis, anfíbios, peixes e uma grande diversidade de invertebrados, como é o caso dos insetos, aracnídeos e outros. Grande parte das espécies de animais que ocorrem no Cerrado são comuns na Floresta Amazônica e na Mata Atlântica, sendo que só no DF há 90 espécies de cupins, 1000 espécies de borboletas e 500 espécies de abelhas e vespas.

Calcula-se que haja mais de 15.000 espécies endêmicas, além de 28 espécies de mamíferos de médio e grande porte, tais como: tamanduá bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), lobo guará (*Chrysocyon brachyurus*), veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), anta (*Tapirus terrestris*) e capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), entre outros, sendo que alguns desses animais se encontram ameaçados de extinção.

2.1.3. O Cerrado do DF e o seu Estado de Conservação

Nas últimas décadas, poucas regiões do mundo tiveram um desenvolvimento econômico comparável ao ocorrido no Centro-Oeste brasileiro. O aumento da produção agrícola, do rebanho bovino, da infra-estrutura, da atividade industrial, da exploração do subsolo, além do forte crescimento do contingente populacional, fizeram com que a região mudasse radicalmente seu perfil nos últimos 40 anos.

A forma descontrolada como até agora ocorreu esse crescimento, no entanto, vem comprometendo em escalada crescente os recursos naturais indispensáveis. Instalou-se um processo permanente de degradação ambiental e social, que coloca em risco parte significativa das riquezas da região, seus

recursos naturais, o patrimônio cultural e a própria continuidade da atividade econômica.

As tabelas 1 e 2, a seguir, mostram, a partir dos dados sobre o uso do solo no DF, que a ocupação desse espaço nos últimos 40 anos trouxe consequências gravíssimas para a biodiversidade. Segundo Duarte et al (2002), o mais alarmante a ser observado é que o processo de ocupação desordenada foi muito rápido e contínuo, e que não há nenhuma evidência que nos leve a pensar em uma tendência à desaceleração e, muito menos, em uma descontinuidade do mesmo.

Os padrões de produção sobre os quais se deu o crescimento econômico do Cerrado são dificilmente sustentáveis a longo prazo, uma vez que concentram renda e a estrutura fundiária, que produzem impactos cumulativos e perigosos, são estimuladores do êxodo rural e da ocupação desordenada de novas áreas rurais e urbanas, resultando em exclusão e em condições socioeconômicas e ambientais negativas, sobretudo para as camadas mais pobres da população.

Tabela 1 – Cobertura vegetal e uso do solo no DF

| <i>Classes de</i> Legenda | 1954 % Área | 1964 % Área | 1973 % Área | 1984 % Área | 1994 % Área | 1998 % Área |
|-------------------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------|
| | | | | | | |

| | | | | | | |
|-----------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| Mata | 18.82 | 16.25 | 15.14 | 12.57 | 11.94 | 9.94 |
| Cerrado | 37.84 | 34.18 | 30.29 | 18.11 | 17.29 | 9.91 |
| Campo | 43.28 | 47.35 | 43.79 | 38.22 | 24.90 | 22.45 |
| Corpo d'água | 0.02 | 0.70 | 0.82 | 0.99 | 1.02 | 0.92 |
| Área Agrícola | 0.02 | 0.44 | 6.06 | 20.80 | 36.79 | 46.32 |
| Área Urbana | 0.02 | 0.80 | 2.10 | 3.68 | 4.84 | 6.57 |
| Reflorestamento | 0.00 | 0.00 | 0.00 | 3.33 | 2.06 | 1.59 |
| Solo Exposto | 0.00 | 0.28 | 1.80 | 2.31 | 1.16 | 2.30 |
| TOTAL | 100.00 | 100.00 | 100.00 | 100.00 | 100.00 | 100.00 |

Fonte: Unesco (2000) in Duarte (2002;19)

Tabela 2 – Perda da cobertura vegetal no DF no período de 1954 a 1998.

| Classes de Legenda | Área (HA) Perdida | % do Original |
|--|--------------------------|----------------------|
| Mata | 51.644 | 47,20 |
| Cerrado | 162.380 | 73,80 |
| Campo | 121.108 | 48,13 |
| TOTAL PERDIDO | 335.132 | 57,65 |
| Uso Antrópico da Área Desmatada | | |
| Corpo d'água | 5.369 | — |
| Área Agrícola | 269.366 | — |
| Área Urbana | 38.179 | — |
| Reflorestamento | 9.236 | — |
| Solo Exposto | 13.3356 | — |

Fonte: Unesco (2000) in Duarte (2002;19)

A destruição das matas ciliares implica a erosão do solo e assoreamento dos rios e outros cursos d'água, diminuindo as suas vazões e prejudicando o equilíbrio ecológico. São ameaças que exigem a atenção de toda a sociedade e o engajamento de seus setores mais organizados, como é o caso da classe empresarial.

Conforme dados do SEBRAE/DF (2000), a vegetação nativa, no DF, cobre atualmente 52% da área do território. Os restantes 48% dizem respeito a espaços urbanos, loteamentos, agricultura, pecuária, indústrias e áreas degradadas. Os 52% ocupados pela vegetação podem parecer muito, mas considerando-se que os 48% de ocupação com atividades humanas ocorreram em apenas 40 anos, tem-se uma idéia mais clara da enorme velocidade com que a paisagem natural vem sendo alterada. Grande parte dessa vegetação nativa remanescente encontra-se ilhada e isolada, fazendo com que a descontinuidade de áreas verdes implique sua extinção mais rápida ainda no futuro próximo.

Para Duarte (2002) a urbanização acelerada, outro lado do processo de ocupação do solo, tem-se dado de forma desordenada e também apresenta como corolário a degradação ambiental e a distribuição desigual dos ganhos e benefícios do crescimento econômico.

Em resumo, os problemas são: desmatamento, ocupação desordenada e irregular do território, falta de conscientização popular quanto à conservação de vegetação nativa e deficiência de estrutura ao Estado para cumprir as suas funções de vigilância e fiscalização ambiental.

Segundo Duarte (1998), a ocupação dos Cerrados, ocorrida nas três últimas décadas, transformou consideravelmente o perfil da região, bem como a relação entre as populações ali adaptadas e o meio ambiente, além de acelerar a diminuição da biodiversidade. As recentes transformações na estrutura socioeconômica e tecnológica no setor rural – mecanização, pecuária extensiva, cultura de exportação – e no setor urbano, com o crescimento desordenado das cidades, acarretaram profundas mudanças no modo de vida das populações locais em termos da organização do espaço, da construção das moradias, da organização familiar, entre outros aspectos. Os impactos ambientais observados são função das mudanças nos processos produtivos, no uso de tecnologia, nos

comportamentos e na organização social, constituindo-se, portanto, em resposta do ecossistema às ações humanas ali desenvolvidas.

Dados do SEBRAE/DF (2000), mostram que o Cerrado abriga aproximadamente 1/3 da flora e da fauna do país. Sua grande biodiversidade é explorada pelo homem como alimento, madeira, fins medicinais e ornamentais, em forma de fibras, óleos, cortiça, taníferas, apícolas, forrageiras, dentre outros. A título de exemplo, 1/3 da flora da APA São Bartolomeu é utilizada de alguma forma pelo homem da região (Pereira et al. 1985). Na grande maioria das vezes, no entanto, a utilização dessas plantas é feita de maneira não-sustentável, com grandes prejuízos dos recursos genéticos, quase nunca devidamente valorizados.

São infinitos os produtos e muito grande o número de pessoas que vivem ou subsistem a partir de um incremento de renda advindo da exploração de produtos naturais com propriedades medicinais, ornamentais, condimentares, produtoras de essência, resinas e fibras, e espécies florestais de uso econômico e de interesse socioambiental.

A preocupação da Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos – SEMARH é com relação à poluição do ar, no DF, a qual é basicamente proveniente da emissão de partículas e gases pelos automóveis e, no período seco, da fumaça de queimadas rurais, de elevada ocorrência. A consequência mais danosa são as doenças respiratórias, especialmente na estação seca. Todavia, a poluição do solo é outro problema decorrente da utilização intensiva de agrotóxicos e de adubos químicos na atividade agrícola. Mas, a maior preocupação do governo é a poluição dos recursos hídricos superficiais e subterrâneos, por lançamento de efluentes domésticos e industriais, sem tratamento, nos cursos d'água. Isso porque os recursos hídricos do DF são escassos e formados por cursos d'água de pequeno volume e de pequenas extensões.

As próprias queimadas, freqüentes neste tipo de bioma, são mal interpretadas. Na verdade, as queimadas periódicas (com intervalos maiores do que 5-7 anos) já aconteciam no Cerrado antes da chegada do ser humano. A maioria das plantas do Cerrado estão adaptadas ao fogo, possuindo cascas grossas e brotos subterrâneos. Há várias espécies de plantas que só germinam após as queimadas. Mas as queimadas intensas, feitas a cada um ou dois anos pelos pecuaristas, são extremamente nocivas ao Cerrado.

Um dos fatores ecológicos mais importantes do Cerrado é o fogo. Ele pode ser gerado de diversas formas naturais, mas a principal delas são as descargas elétricas. Os incêndios diminuem a densidade do Cerrado, prejudicando o incremento do material lenhoso e favorecendo a expansão das plantas herbáceas.

Outra hipótese, de maior aceitação, considera o Cerrado uma vegetação clímax, que não se torna uma floresta devido às condições de clima e solo existentes, tendo o fogo um papel secundário. De acordo com a segunda hipótese, a falta de nutrientes essenciais e a grande presença de alumínio são as responsáveis pela fisionomia característica dos Cerrados.

A região do Cerrado apresenta uma das diversidades mais ricas dentro da vegetação savânica do mundo. Na época seca, as queimadas dominam extensas áreas, alimentadas pelas folhas secas e baixa umidade relativa. A vegetação apresenta estratégias de adaptação à seca, com suas raízes alcançando profundidades abaixo de 10m, com germinação de sementes na época das chuvas e crescimento radicular pronunciado nos primeiros estádios de desenvolvimento.

Até a década de 1950, o Cerrado manteve-se quase inalterado. A partir da década de 1960, com a interiorização da capital e a abertura de uma nova rede rodoviária, largos ecossistemas deram lugar à pecuária e à agricultura

extensiva, como a soja, arroz e ao trigo. Tais mudanças se apoiaram, sobretudo, na implantação de novas infra-estruturas viárias e energéticas, bem como na descoberta de novas vocações desses solos regionais, permitindo novas atividades agrárias rentáveis, em detrimento de uma biodiversidade até então pouco alterada.

Durante as décadas de 1970 e 1980 houve um rápido deslocamento da fronteira agrícola, com base em desmatamentos, queimadas, uso de fertilizantes químicos e agrotóxicos, que resultou em 67% de áreas do Cerrado “altamente modificados”, com voçorocas, assoreamento e envenenamento dos ecossistemas, restando apenas 20% de área em estado conservado.

A partir da década de 1980, governos e diversos setores organizados da sociedade debatem como conservar o que restou do Cerrado, com a finalidade de buscar tecnologias embasadas no uso adequado dos recursos hídricos, na extração de produtos vegetais nativos, nos criadores de animais silvestres, no ecoturismo e outras iniciativas que possibilitem um modelo de desenvolvimento sustentável.

Com o aumento da população humana, a produção de alimentos tende a ser aumentada. Mas pode-se viver bem, em harmonia com o ambiente, produzindo alimentos diversificados e mantendo a qualidade do ar e da água. A conservação da biodiversidade pode melhorar a qualidade de vida de inúmeras pessoas, pois nela pode-se inclusive encontrar a cura para muitas doenças que atingem a humanidade.

O autor Almeida (1998) dá destaque ao uso das espécies ornamentais da Região. As “plantas secas” ou flores do planalto são bastante conhecidas e comercializadas. Alto Paraíso de Goiás/GO, Planaltina/DF apresentam intensa atividade de comercialização desse produto. Entretanto, o risco de extinção dessas espécies é bastante grande, visto serem os arranjos de flores elaborados utilizando-se das partes do sistema reprodutivo dessas plantas (flores, frutos e sementes). Nas cidades do Distrito Federal ou em feiras de muitos locais do Cerrado, por exemplo, podem ser encontradas bancas, barracas ou carrinhos com ampla diversidade de espécies medicinais. Pode-se perceber que famílias inteiras são mantidas com recursos gerados do extrativismo de plantas ditas com propriedades medicinais oriundas do Cerrado.

De acordo com o – SEBRAE/DF (2000), foram realizadas várias entrevistas com a população rural tradicional em feiras, margens de rodovias, fazendas e associações de moradores, enriquecidas com extensa revisão de literatura, pesquisa em herbários e resultados de experimentos de germinação e crescimento em plantios realizados na EMBRAPA Cerrados, com o intuito de conhecer as espécies e incrementar o acervo de uso. De posse dessas informações, realizou-se a identificação botânica e seleção de algumas espécies. As 110 selecionadas talvez não sejam as mais importantes ou mesmo não representem aquelas com maior risco de extinção; mesmo assim, representam significativamente os diversos usos. Muitas delas inclusive apresentam mais de um uso como: frutífero, madeireiro, medicinal, ornamental, forrageiro. Com isso, espera-se contribuir para a maior valorização das espécies vegetais que ocorrem na região do Cerrado, difundir seu uso potencial entre a população rural e urbana e reforçar a importância da conservação dessa biodiversidade para que seja melhor explorada e utilizada.

“O Cerrado é o grande laboratório de análise do Brasil, pois contém os graves problemas nacionais: a injustiça social, a degradação dos ambientes urbano e rural, o contraste entre crescimento econômico e redução da qualidade de vida, o atrofamento da governança. O ecologicamente incorreto e o socialmente injusto parecem estar sendo o preço a ser pago pelo economicamente viável. Mas essa equação é insustentável: a viabilidade econômica só pode ser confirmada no curto prazo, enquanto as dimensões social e ambiental são sentidas no longo prazo” (Bursztyn apud Duarte, 2002).

Faz-se necessário voltar o olhar para o Cerrado do DF, pois o mesmo vem sofrendo seríssimas consequências com o desmatamento e com a ocupação desordenada e irregular do solo. É preciso que haja uma conscientização por parte do homem de que a natureza é um bem que se acaba, e que pode desaparecer com o passar dos anos. É humano quando se pensa nas gerações futuras, as quais também têm o direito de apreciar, usufruir de forma adequada e de tomar conhecimento deste ecossistema tão rico e único que é o Cerrado do DF.

O próximo capítulo mostra a importância e a necessidade de desenvolver o paisagismo dentro das propriedades que se valem do Turismo Rural, no DF, bem como o aproveitamento e a utilização adequada das espécies nativas.

2.2. O PAISAGISMO NO TURISMO RURAL

2.2.1. A Definição de Paisagismo

Barbosa (2000), define o paisagismo como sendo “a integração do ser humano com a natureza facultando-lhe melhores condições de vida pelo equilíbrio do meio ambiente”.

Segundo Burle Marx (1987) jardim é a reunião de certos preceitos técnicos e estéticos dos mais variados elementos da flora não importando a natureza, procedência ou grau de desenvolvimento que possa atingir e bem assim a finalidade a que se destinarem.

É o espaço territorial destinado à recreação e desfrute humano organizado harmoniosamente com o cultivo de vegetais em associação a outros elementos vivos e não-vivos. Lazer e descanso dos seres humanos, prazer e paz espiritual.

“Água, solo, fauna e flora compõem os bens naturais mais preciosos que a terra possui: local onde reside e do qual também faz parte o homem. Por esta razão, seu planejamento, proteção, desenho e intervenção devem objetivar a composição ideal do ambiente humano. A natureza (descrita como a situação que não foi alterada pelo esforço humano) se converte em paisagem quando se refere aos seus componentes naturais, suas peculiaridades fisiográficas e ambientais;

também se transforma, alterando suas características próprias de acordo com as influências históricas, culturais e tecnológicas do homem, refletindo, por consequência, pelos sistemas climáticos, naturais e sociais, a materialização de um momento da sociedade” (Degreas, in Del Rio, 1996).

Recorrendo ao dicionário para entender a palavra "paisagem", Ferreira (1993), a conceitua como "o espaço de terreno que se abrange num lance de vista".

Percebe-se que na definição encontrada existe uma referência comum: o sentido da visão seria a representação de tudo aquilo que é abarcado com olhar. Não é um termo seletivo ou restritivo. Não encerra tampouco nenhum julgamento de valor. Sendo assim, tem-se que admitir que o ambiente urbano, assim como os ambientes industriais, são tanto paisagem quanto o natural. E o ambiente degradado também o é, da mesma forma que aquele que se preservou com suas feições originais, ou que se reconstituiu segundo as necessidades humanas.

Segundo Burle Marx (1987), o termo "paisagem" não informa nada acerca de suas características, é evidente que qualquer vista tem para o observador uma série de elementos que a definem e que a diferenciam de outras infinitas paisagens. A morfologia do terreno, a flora, a fauna, os recursos hídricos locais e a ação antrópica são elementos que, ao constituírem a paisagem, ao mesmo tempo a caracterizam de forma inconfundível.

A sistematização consciente ou intuitiva desses elementos é que permite ao homem evocar, por exemplo, a 'terra natal' em contraposição a todas as outras que vier a conhecer. É devido a isso ainda que se pode criar o conceito de macropaisagem ou domínio paisagístico, formulado pelos geógrafos, correspondendo não mais a um domínio visual, mas a uma unidade maior, caracterizada por suas feições morfoclimáticas típicas e seus principais quadros de vegetação.

Winters (1992) afirma que o paisagismo é filosoficamente uma ciência multidisciplinar que estuda as paisagens naturais e que interfere nestas paisagens, embasada nos conhecimentos da Biologia, Agronomia e Ecologia, e instrumentada com as técnicas da Morfologia, Fisiologia, Taxonomia e Patologia Vegetal, assim como Horticultura e Climatologia.

Barbosa (2000), afirma que é preciso entender paisagismo como o meio pelo qual o ser humano pode conseguir restabelecer parte do equilíbrio rompido da natureza através de sua própria ânsia progressista; desequilíbrio este que nos tempos atuais já se faz sentir em todas as partes do mundo civilizado através de muitas catástrofes naturais no meio ambiente conturbado e poluído em terra, mar e ar.

Pode-se concluir que o paisagismo é uma ciência e uma arte, que tem por finalidade a ordenação de todo o espaço exterior em relação ao homem, para o seu próprio benefício.

2.2.2. A Importância do Paisagismo

Burle Marx (1987), afirma que "Criar jardins, e paisagens, é uma arte maravilhosa, possivelmente uma das mais antigas manifestações da arte. A Bíblia registra e descreve um paraíso onde havia equilíbrio entre as plantas, os animais, e o homem. Infelizmente o homem procurou dominar a natureza e perdeu seu paraíso. Com o conhecimento que hoje possuímos da ecologia e da importância de nos relacionarmos com as árvores e as plantas, procuramos reconquistar aquele paraíso perdido e corrigir os erros das gerações passadas". A conceituação do problema "jardim" deve ser visto como sinônimo de adequação do meio ecológico às exigências naturais da civilização.

O paisagismo é essencialmente uma manifestação artística do homem. Utilizando-se da grande riqueza plástica e da diversidade das formas, cores e texturas dos vegetais, o homem modifica ambientes externos e internos. A composição harmoniosa do uso da vegetação integra-se aos demais elementos da natureza e aos elementos introduzidos pelo próprio homem, compondo os espaços, e fazendo deles verdadeiras obras de arte, vivas.

Segundo Barbosa (2000), atualmente, o paisagismo impõe-se como uma necessidade fundamental para a sobrevivência daqueles que habitam em cidades grandes, já que serve para equilibrar o ecossistema violentado pelo grande número de construções em concreto, pavimentações asfálticas e poluição industrial.

2.2.3. O Paisagismo Agregado ao Turismo Rural

As propriedades rurais que atuam no Turismo Rural, no DF, geralmente apresentam deficiências no que tange ao paisagismo. Em muitas dessas propriedades, quando possuem jardins, não se verifica a utilização de técnicas de composição paisagística e subestimam-se as plantas nativas locais.

O paisagismo é um fator significativo para o sucesso de empreendimentos turísticos, principalmente, em relação ao turismo rural e ao ecoturismo. Promovem uma melhoria no micro-clima, na estética (paisagem), na atração de pássaros silvestres, na atração de insetos polinizadores (borboletas, besouros e abelhas), na produção de frutos alimentícios e no desenvolvimento da educação ambiental, além da proteção dos solos na mitigação de processos erosivos.

A utilização de plantas exóticas descaracteriza o ambiente local, prejudicando a interpretação dos visitantes desse tipo de empreendimento, principalmente relacionados com a cultura e a história locais.

“Na maior parte das vezes, (dependendo do lugar) a ação do homem se dá sem preocupação com a paisagem que resultará. Outras vezes, sua ação é deliberada no sentido de criar paisagens carregadas de significados” (Yázigi, 2002).

De acordo com Serrano (1997), é igualmente notável o casamento entre ecologia e turismo, em uma era em que o ambientalismo se afirma como uma poderosa ideologia/utopia. Tudo leva a crer que tanto o ambientalismo resgatador da singularidade do natural quanto o turismo resgatador da experiência do “eu estava lá”, e, portanto, de uma certa singularidade do sujeito na sociedade de massas, vieram para se estabelecer como dois grandes fatores de diferenciação social no presente.

Corroborando com Serrano (1997), Duarte (2002), afirma que as preocupações que marcaram o início do ambientalismo ganharam cada vez mais relevância, na medida em que as evidências históricas confirmaram não apenas a previsão da escassez de recursos e de energia, como também a diminuição crescente da qualidade destes recursos e da biodiversidade de uma forma geral.

Barbosa (2000), defende a idéia de que se nas regiões urbanas o paisagismo visa melhorar e equilibrar o meio ambiente poluído, então nas regiões rurais, sua função é a de auxiliar a natureza, subordinando-se a ela.

O mesmo autor aponta alguns fatores indispensáveis para que o projeto de paisagismo rural tenha bons resultados, tais como:

- *O tipo de clima* – o qual determina as opções possíveis na seleção das espécies de plantas;

- *A topografia predominante na região* – é capaz de nortear o traçado geral do projeto em consonância homogênea com a paisagem natural;
- *A vegetação nativa existente na área* – o estudo desta possibilita saber, a grosso modo, quais as condições de fertilidade do solo. Este fator possibilita avaliar as famílias botânicas de melhor desenvolvimento na área, correlacionando-as com suas similares mais próximas dentre as ornamentais, selecionadas pelo fator clima;
- *O tipo de solo* – se faz necessária a especial atenção ao tipo de solo existente na área a ser implantada o paisagismo rural, para prever as técnicas a serem adotadas no seu preparo, bem como as espécies de plantas mais adequadas;
- *As rotas dos ventos corriqueiros* – possibilita designar as posições mais favoráveis a cada espécie de planta, e atender à finalidade funcional de cada espécie no conjunto do projeto;
- *Atividade principal da propriedade* – para determinar as principais características do projeto.

O paisagismo na zona rural é exercido de forma plena, integrando-se perfeitamente à natureza; mas isso exige que o criador e o executor do projeto ajam conscientemente, colocando em prática os seus conhecimentos.

Chama-se de paisagismo de grandes áreas a arte de modificar ou de recuperar paisagens de grandes dimensões. Estas grandes áreas oferecem ao paisagista um elevado grau de liberdade na escolha de soluções e no desenvolvimento de novas idéias.

Nestas áreas, trabalha-se com escalas de grandes proporções, onde as árvores, os arbustos e as palmeiras, plantados em conjunto ou mesmo isolados, têm papel fundamental. As herbáceas, ou plantas de menor porte, aparecem sempre plantadas em conjuntos de uma mesma espécie e/ou combinadas com outros conjuntos de outras espécies.

O local disponível para o plantio e as funções desejadas serão os fatores decisórios na escolha do porte e da quantidade das espécies a plantar.

São três as possibilidades do paisagismo em grandes áreas:

- *Áreas totalmente degradadas ou áreas novas* – onde não existe nenhuma vegetação, permitindo ao paisagista a total liberdade de formar espaços livres e áreas plantadas;
- *Áreas recuperáveis, onde existe alguma vegetação* – o projeto paisagístico deve ser desenvolvido a partir da vegetação existente. Esta vegetação deve ser avaliada quanto a sua origem, porte e localização, e conservada, sempre que possível;
- *Áreas densamente ocupadas pela vegetação* – esta vegetação deve ser preservada com a menor interferência possível, principalmente quando se trata de mata nativa. A função do paisagista deve ser a de organizar maciços, completando ou substituindo com as espécies desejadas, de forma a criar condições ao homem de conviver neste espaço interagindo com a natureza.

O paisagista de grandes áreas não tem somente a função de criar jardins. Mas a sua responsabilidade é garantir a vida à espécie humana e aos

animais, através de contribuições práticas para restabelecer o equilíbrio rompido com a natureza.

Através do recurso da criação de bosques, cortinas e maciços vegetais, com vegetação arbórea, arbustiva e herbáceas, nativa da região, plantada em áreas anteriormente degradadas, se consegue criar uma paisagem harmônica e viva. É permitido assim, o desenvolvimento da fauna local (insetos, pássaros e pequenos animais) e se garante, como consequência, a perenidade da flora plantada, porque abriga desta maneira os seus agentes polinizadores e os seus defensores naturais.

A grande variação das formas, texturas e densidades da vegetação, das tonalidades do verde, do colorido de suas folhas, flores e frutos, pode criar, quando corretamente escolhidas, harmonia entre o ambiente plantado e as estruturas criadas pelo homem.

"A importância da árvore como elemento de maior porte na formação de áreas verdes é um fato, pois, além de compor a paisagem e servir de elemento funcional na resolução de inúmeras questões, ela age, no caso dos núcleos urbanos, como fator de equilíbrio psicológico e ecológico" (Brandão, 1992).

"O viajante deveria ser um botânico para poder sentir melhor a natureza, visto que as árvores são os principais elementos da paisagem e por serem as plantas maiores e mais longevas que deveriam ser conhecidas" (Charles, 1994).

As árvores, as palmeiras, as coníferas e os arbustos formam a categoria de elementos de composição essencialmente vertical. Funcionam como marcos verticais, muito embora, evidentemente, também participam das composições horizontais, principalmente no caso dos arbustos.

Suas principais funções são as seguintes:

- Formar cortinas vegetais da mesma espécie ou de espécies variadas;
- Criar áreas sombreadas, com espécies de grande porte;
- Delimitar fisicamente áreas, caminhos ou acessos;
- Criar bosques, ou maciços para áreas de lazer, ou de preservação;
- Harmonizar o ambiente construído com as espécies ornamentais.

Exemplo de espécies ornamentais, do Cerrado, que são utilizadas no paisagismo:

- Árvores

O fedegoso (*Cassia macranthera*), a paineira (*Chorisia speciosa*), o jacarandá mimoso (*Jacaranda mimosifolia*), a corticeira (*Erythrina cristagali*), o ipê amarelo (*Tabebuia ochracea*), a quaresmeira (*Tibouchina granulosa*).

- Palmeiras

A palmeira açaí (*Euterpe oleracea*), o coqueiro da Bahia (*Syagrus oleracea*).

- Arbustos

A quaresmeira pequena (*Tibouchina heteromalla*), a afelandra (*Aphelandra raiadita*), a espirradeira (*Nerium oleander*), o jasmim manga (*Plumeria alba*).

- *Conífera*

O pinheiro do Paraná (*Araucaria angustifolia*).

“Lúcio Costa observou certa vez que constituía "um dos preceitos da urbanização moderna o contraste entre a rigidez, a simetria, a disciplina da arquitetura e a imprecisão, a assimetria, o imprevisto da vegetação" “ (Costa apud Motta,1983).

As herbáceas são plantas de pequeno porte, de caule não definido, com altura raramente acima de um metro, também chamadas de forrações ou pisos vegetais.

Segundo Del Rio (1996), as forrações são, como o próprio nome indica, plantas rasteiras adequadas à formação de tapetes vegetais, recobrando áreas mais ou menos extensas de terreno, sem chegar a constituir massa vegetal.

Suas principais funções são as seguintes:

- Revestir e proteger o solo contra a erosão;
- Reduzir a incidência do sol, e o calor no solo;
- Impedir a ação do pó e evitar a formação de lama;
- Evitar a reverberação dos raios solares;
- Proteger taludes e auxiliar na contenção de encostas;
- Abafar certas ervas daninhas indesejadas;

- Compor e embelezar o espaço horizontal;
- Desenhar "manchas coloridas" no solo;
- Indicar acessos e caminhos.

Exemplos de herbáceas que podem ser usadas em:

- *Áreas sombreadas*

Os antúrios (*Anthurium andreanum*), as calatéias (*Calathea makoyana*), as samambaias (*Nephrolepis exaltata*), o comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia amoena*), as heras (*Hedera helix*), os ficus (*Ficus pumila*), as helicônias (*Heliconia bihai*), os filodendros (*Philodendron domesticum*) e os espatifilos (*Spathiphyllum clevelandii*).

- *Áreas ensolaradas*

As gramas em geral, o camarão (*Beloperone guttata*), os clorófitos (*Chlorophytum comosum*), as pervincas (*Catharanthus roseus*), os hemerocalis (*Hemerocallis flava*), os agapantos (*Agapanthus africanus*), as íris (*Iris japonica*) e as wedélias (*Wedelia paludosa*).

2.2.4. O Turismo Rural no DF

O turismo é uma atividade humana intencional que serve como meio de comunicação e como elo de interação entre povos, tanto dentro como fora de um país. Envolve o deslocamento temporário de pessoas para outras regiões ou

países, visando a satisfação de outras necessidades que não a de atividades remuneradas; e vem cada vez mais interagindo e se fortalecendo no que diz respeito a economia mundial. Alguns fatores como a globalização e os avanços tecnológicos, caracterizam o turismo como sendo um fenômeno, resultando vários impactos positivos nas regiões receptoras.

Um dos instrumentos mais importantes na economia de um país é a atividade turística que hoje está em destaque por todo o mundo, garantindo o crescimento econômico-social nas diversas regiões, gerando empregos, abrindo um leque gigantesco e proporcionando uma melhor distribuição de renda.

No Brasil, o turismo atinge em média 52 segmentos diferentes na economia, desde as esferas da mais alta tecnologia (transporte e comunicação), até às menores, no mercado formal e informal, de acordo com a Organização Mundial do Turismo – OMT.

O setor de turismo, no Brasil, vem sendo resgatado e valorizado de forma muito lenta, embora se saiba que a atividade turística deva ser associada a utilização sustentável do patrimônio histórico cultural e ambiental, e que esta necessita de parcerias para sua consolidação.

Dentro das propriedades que desenvolvem o Turismo Rural no DF, existe uma variedade de espécies do Cerrado, capaz de proporcionar um cenário de beleza e riqueza no que se refere ao paisagismo, e estas espécies precisam ser mais bem exploradas e aproveitadas para tal composição.

Conforme SEBRAE (2003), a conservação da natureza e a preocupação rigorosa com as questões ambientais devem ser uma constante no desenvolvimento das atividades que compõem o turismo rural, pois elas são totalmente incompatíveis com agrotóxico, lixo, erosão, queimada, esgoto, etc. A produção e o consumo de bens e serviços rurais devem respeitar os recursos

naturais existentes e evitar a degradação do meio ambiente, o que significa adotar a prática do desenvolvimento sustentável.

Na Lei Complementar nº 265/99, art. 1º, VI, entende-se por uso sustentável “forma socialmente justa e economicamente viável de exploração do ambiente, que garanta a perenidade dos recursos ambientais e dos processos ecológicos, mantendo a biodiversidade e os demais atributos ecológicos”.

Conforme o SEBRAE (2000), a idéia de receber turistas no meio rural, cobrando pelos serviços prestados, não é nova, pois a mesma surgiu na Europa, nos anos 50, de maneira informal, com um fluxo de turistas de forma espontânea, quase que exclusivamente para saborear a gastronomia do campo e caminhar pela mata. No Brasil, a atividade no meio rural se amplia, pois, na maioria dos casos, trata-se do convívio do homem urbano junto ao campo, o qual ocorre de inúmeras maneiras: através de uma caminhada junto à natureza, um passeio de bicicleta, ou pelo relacionamento com uma família de trabalhadores rurais.

O turismo rural tem se expandido nos últimos anos devido a uma parcela significativa da população urbana, a qual se conscientiza cada vez mais de que o contato com a natureza e com a vida simples, autêntica e peculiar do campo viabiliza a recuperação de energias indispensáveis para enfrentar o dia-a-dia:

“Turismo rural é uma atividade de lazer que o homem urbano procura junto às propriedades rurais produtivas, buscando resgatar suas origens culturais, o contato com a natureza e a valorização da cultura local. Já para o homem do campo significa um meio para aumentar a sua renda mensal, de forma harmônica, valorizando sua propriedade e o seu estilo de vida” (SEBRAE/DF, 2000).

Almeida e Riedl (2000), definem o Turismo Rural como uma atividade turística que ocorre na zona rural, integrando a atividade agrícola pecuária à

atividade turística com a valorização do ambiente rural e da cultura local que, não raras vezes, são alguns de seus atrativos principais.

A EMBRATUR (2000), classifica o Turismo Rural como um conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural comprometido com a produção, agregando valores a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade.

Beni (1998), conceitua Turismo Rural como o deslocamento de pessoas a espaços rurais, em roteiros programados ou espontâneos, com ou sem pernoite, para fruição dos cenários e instalações rurícolas.

“A EMBRATUR classifica essa modalidade de turismo como parte da diversificação do produto turístico nacional, estabelecendo algumas estratégias para o seu desenvolvimento. Dentre elas, uma que merece destaque é a de “promover um turismo organizado e administrado pela população rural com uma oferta de pequena escala, o que torna possível e permite que os benefícios econômicos do turismo tenham incidência na sociedade rural” (Ansarah, 2000).

As áreas rurais vêm sendo associadas não apenas como áreas com as atividades direcionadas à produção, mas também como aquelas relacionadas ao lazer e ao turismo. Com a diversidade do meio rural que possibilita as pessoas um contato maior com a natureza e seus atrativos tais como: os costumes locais, o artesanato típico, a história e o resgate local, que por sua vez abriu um grande leque para novos empreendimentos e com peso satisfatório no quadro econômico do turismo.

O turismo rural funciona, hoje, como verdadeira válvula de escape para as pessoas que moram nas grandes cidades. Seu público principal é aquele que opta por descanso, no tempo livre, em áreas não mais distante que 100 Km de suas residências e que lhes ofereçam conforto e boa alimentação. Além disso, possuem características condizentes com a proposta oferecida. Nas áreas rurais,

o homem da cidade grande tem contato direto com a natureza, quer esteja ele em busca de cultura, conhecimentos, saída do cotidiano, saúde.

Contemplar Brasília, nos tempos atuais requer que se saiba não apenas indicar os seus atrativos, mas o seu diferencial que é a bagagem histórica da cidade. Atualmente o turista quer não apenas contemplar, mas também quer levar consigo a verdadeira história do local visitado. Assim, a visita até propriedades rurais complementa a história do DF, remetendo o turista aos tempos dos tropeiros, do ciclo do ouro, da missão Cruls e até dos pioneiros, que construíram Brasília.

Tem-se atualmente no mundo cerca de 7% do comércio mundial de bens e serviços oriundos de atividades ligadas ao turismo. Isto se deve, principalmente, ao crescente processo de queda de rentabilidade das atividades agrícolas tradicionais.

A principal contribuição permitida pela informação ao segmento rural está evidentemente relacionada ao poder consentido pelo acesso a diversas fontes de informações externas e internas. O segmento rural, entretanto, nos últimos anos dedicou maior atenção aos aspectos estratégicos das informações visto que, até então, vinha dedicando boa parte de seus esforços à busca da sobrevivência. Porém, hoje, tem que desenvolver estratégias globais para sua gestão, procurando seu desenvolvimento, o que só é possível a partir do uso das tecnologias de informação.

O turismo rural contribui para uma série de aspectos ligados ao meio ambiente-social, cultural, ambiental e econômico.

Vale destacar os benefícios oriundos dessa atividade para a economia, tais como:

- A diversificação de renda;
- A geração de empregos;
- O efeito multiplicador;
- A preservação do patrimônio histórico;
- A preservação do patrimônio natural;
- A melhoria na qualidade de vida local;
- A diversificação dos pólos turísticos;
- A melhoria na formação educacional do homem do campo;
- O desenvolvimento do espírito de participação.

Este aquece a economia do país, proporcionando, além dos benefícios econômicos, culturais, ecológicos, uma integração entre as comunidades vizinhas, fazendo com que haja uma distribuição de renda que favoreça a localidade.

Para haver um autêntico turismo rural, é preciso que seja preservado o local no que se refere ao meio ambiente, conservando as raízes e as características do meio rural, sem que se perca a sua identidade. É preciso reaproveitar cada pedaço que já existe, fazendo adaptações sem deixar de levar em consideração a sua preservação.

A perda das características faz com que o ambiente perca a sua identidade e qualidade, deixando, assim, de propiciar ao turista melhor aproveitamento do mesmo.

O desenvolvimento tecnológico que se observa no mundo moderno teve início no século XVIII com a Revolução Industrial e provoca grandes mudanças econômicas e socioculturais na sociedade contemporânea.

Um dos segmentos econômicos mais afetados por essas mudanças foi o setor rural, que teve suas atividades praticamente abandonadas devido à migração dos trabalhadores agrícolas para as zonas urbanas, para fugir do isolamento econômico e social.

Isso causou o inchaço das cidades, provocando alto grau de urbanização, degradação do meio ambiente e uniformização dos costumes, graças à tecnologia da informação em valorizar as coisas locais e regionais.

O Brasil é um país que possui inúmeros recursos naturais e socioculturais subutilizados, porque o turismo hoje se concentra praticamente no litoral.

Neste contexto, o turismo no espaço rural constitui uma alternativa para a revitalização de determinados aspectos e atividades ligadas à área, pois o cenário já está pronto, precisando apenas de algumas adequações para receber o público.

O turismo no espaço rural brasileiro é uma atividade que vem sendo desenvolvida há pouco mais de dez anos e, como toda atividade nova, seu início

passa por uma série de questionamentos e indefinições, causados pela inexistência de legislação própria que regule e norteie seu desenvolvimento.

Segundo Almeida e Riedl (2000), a cultura que será tratada no desenvolvimento do turismo no espaço rural brasileiro não é o ato de cuidar e fertilizar a terra e dar condições para o nascimento e desenvolvimento de plantas, mas sim “o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade”.

O desenvolvimento do turismo no espaço rural faz com que as comunidades resgatem, preservem e valorizem todas as formas culturais locais e regionais como gastronomia, utensílios domésticos, artesanato, móveis, arquitetura e outras que, posteriormente, serão utilizados como atrativos turísticos para motivar as pessoas a praticar o turismo no espaço rural.

Sabe-se que o turismo rural no Brasil, de forma organizada, vem sendo desenvolvido há muito pouco tempo. Porém, o futuro promete novos campos de ação, novos motivos de crescimento, principalmente se for ligado à nossa cultura e às nossas raízes. Simplesmente, pode-se dizer que tem-se muito que mostrar e o que aprender também. Somando a paisagem natural, as lidas rurais, a boa alimentação típica de cada região, a confortável hospedagem, os diversos veículos de movimentação e transporte e guias competentes com conhecimentos históricos e práticos da região, se pode para abrir as portas e receber todo tipo de turista.

O espaço rural é muito vasto e muito especial em sua cultura e tradições, obedecendo às diversas regiões geográficas do país e aos diversos

ciclos econômicos pelos quais passaram. Muitos haverão de indagar: mas como? Isso ainda existe? Sim, existe, e vem do interior das pessoas. É normal e natural.

Funari (2001), afirma que quanto à distribuição da população urbana brasileira, sendo a maior parte jovem com idade inferior a 25 anos, salvo exceções, não teve o privilégio de visitar os avós em uma fazenda ou de passar as férias em um ambiente realmente rural, sem luz elétrica, “acordar com as galinhas”, tirar leite de vaca, montar um cavalo em pêlo, correr no pasto ou no meio de um milharal, chupar jabuticaba ou manga no pé, simplesmente porque suas raízes rurais estão tão distantes no tempo e no espaço que se diluíram. Suas referências rurais limitam-se muitas vezes à participação em um rodeio estereofônico estilo Barretos, visitas de fim de semana a pesque-pagues ou a restaurantes de comidas típicas, ao som das indefectíveis duplas sertanejas:

“O público-alvo da atividade turística praticada no meio rural quer tranquilidade, clima aconchegante, cheiro de mato, cochilos nas tardes quentes à sombra de uma árvore frondosa ou em uma rede armada numa ampla e ventilada varanda. Uma conversa sadia ao pé de uma fogueira ou lareira nas noites frias, ao lado dos amigos, proprietários ou apenas da pessoa amada, regada a vinhos, licores ou uma boa cachaça da terra” (Funari, 2001).

Hoje, verifica-se o retorno do homem ao campo, não de forma definitiva, mas um retorno temporário, buscando a aproximação com as formas tradicionais de vida e o contato com a gente local, para compensar a despersonalização das cidades grandes, o que significa uma valorização da cultura local e regional, por meio da prática do turismo no espaço rural.

Um elemento importantíssimo que não se pode esquecer e que faz parte da cultura de um povo é o ato de “hospedar”; isto é fundamental para o

desenvolvimento da atividade do turismo, em seus diferentes segmentos, principalmente no turismo rural.

Quando se trata de turismo no meio rural, implica em atividades turísticas desenvolvidas na zona rural, integradas às atividades agrícola ou pecuária, as quais são capazes de envolver diversas modalidades tais como: Turismo rural, Turismo ecológico ou ecoturismo, Agroturismo, Fazenda Hotel, dentre outras.

Para Almeida e Riedl (2000), hotéis fazendas são hotéis localizados na zona rural, implantados deliberadamente para a exploração do turismo rural, valorizando a cultura rural, como o folclore, a gastronomia, as atividades rurais como cavalgadas, esporte rural dos mais apreciados.

2.2.5. A Conservação do Cerrado no Turismo Rural

Segundo Odum (1988), a palavra "ecologia" deriva do grego *oikos*, com o sentido de casa, e de *logos*, que significa "estudo". Assim ecologia significa estudar a casa, incluindo todos os organismos que nela habitam e todos os processos funcionais que a tornam habitável. De acordo com Ferreira (1993), a ecologia "estuda as relações entre os seres vivos e o meio ambiente em que vivem, bem como as suas recíprocas influências".

Já que o paisagismo tem a finalidade de criar ou de recuperar a paisagem natural do ambiente em que vivemos, de forma a atender as funções definidas pelo homem, mesmo quando estas funções forem de caráter apenas estéticas, então pode-se considerar o paisagismo como um instrumento ecológico em todas as suas formas.

A ecologia vem, há muitos anos, funcionando como instrumento de sobrevivência na história da humanidade. As sociedades mais primitivas precisavam conhecer as forças da natureza, os vegetais e animais que as

cercavam, para garantia da sua própria espécie. Para muitos pesquisadores, o início da civilização é marcado pelo uso do fogo e de outros mediadores capazes de modificar o ambiente.

Devido aos avanços tecnológicos, o distanciamento do ambiente natural, como fonte capaz de suprir dependências, se acentua, fazendo com que se esqueça que a dependência da natureza ainda continue.

"As plantas arbóreas nativas do território brasileiro estão intimamente ligadas à história e ao desenvolvimento econômico e social do nosso país, [...] O Brasil possui a flora arbórea mais diversificada do mundo. A falta de direcionamento técnico e conscientização ecológica na exploração de nossos recursos florestais tem acarretado prejuízos irreparáveis" (Lorenzi, 1992).

O país registra passagens de grandes prejuízos ecológicos na sua história, desde o período do seu descobrimento. Quando os primeiros colonos europeus desembarcaram nas costas do Brasil, descobriram que as florestas naturais eram um tesouro muito rico, pela quantidade e pela grande variedade de suas espécies. Considerando a exuberância da nossa natureza, o brasileiro a encarou como um recurso inesgotável, eterno. Assim iniciou-se o processo de exploração dos nossos recursos naturais.

A extração da madeira para a exportação tornou-se a base de seu desenvolvimento econômico. O país foi na realidade batizado devido à riqueza de árvores pau-brasil, de madeira vermelha utilizada para tintura (*Caesalpinia echinata*). A palavra "brésil" era usada durante a Idade Média na Europa para descrever uma espécie de madeira de tinturaria importada do Oriente, a *Caesalpinia sappan*, e os portugueses a usavam para designar as árvores brasileiras de características semelhantes referindo-se conseqüentemente ao próprio país como "Brésil" ou "Brasil". A extração das árvores de pau-brasil define um período que ficou conhecido com o "ciclo do pau-brasil".

O cultivo do café e a extração da borracha de espécie nativa de árvore brasileira, a *Hevea brasiliensis*, produziram, respectivamente, seus próprios ciclos, substituindo os já decadentes ciclos do ouro e diamante e da cana-de-açúcar.

Segundo Eliovson (1991), as riquezas brasileiras, portanto, sempre foram sustentadas às custas da extração e esgotamento das suas reservas naturais ou dos seus solos, uma vez produtivos.

O avanço tecnológico, sem dúvida, permitiu grandes conquistas ao homem moderno. Trouxe muito conforto, com os condicionadores de ar, por exemplo, mantendo temperaturas ambientes aprazíveis em qualquer época do ano. Diminuiu distâncias com os meios de transporte cada dia mais rápidos e eficientes, e ainda, facilitou muito a vida dos homens em geral, com a preparação e acondicionamento de sua alimentação, para garantir sua sobrevivência em épocas de entressafras.

“Porém, o grande paradoxo da sociedade moderna é que as nações industrializadas conseguiram o sucesso desvinculando temporariamente o homem da natureza, através da exploração de combustíveis fósseis finitos, que estão sendo esgotados com rapidez. Contudo, a civilização ainda depende do ambiente natural, não apenas para energia e materiais, mas também para processos vitais à manutenção da vida, tais como os ciclos do ar e da água. As leis básicas da natureza não se revogaram, apenas suas feições e relações quantitativas foram mudando, à medida que a população mundial e seu prodigioso consumo de energia aumentaram a nossa capacidade de alterar o ambiente. Em consequência, a nossa sobrevivência depende do conhecimento e da ação inteligente para preservar e melhorar a qualidade ambiental por meio de uma tecnologia harmoniosa e não-prejudicial” (Odum apud Coelho, 2000).

Segundo Coelho (2000), a preocupação com a preservação das florestas, e as primeiras denúncias de exploração da natureza feita pelo homem, apareceram como movimentos mundiais de consciência ambiental, nos anos de 1968 e 1979, motivados pelos movimentos sociais e pela crise do petróleo.

Parecia que, de repente, todo mundo estava preocupado com poluição, áreas naturais, crescimento populacional e consumo de alimentos e energia, assuntos prediletos também da imprensa popular. Na visão de Lago (1991), a consciência ecológica é:

"A expressão "consciência ecológica", rotineiramente encontrada em estudos científicos, tem sido mais popularizada em manifestos populares, que apelam para a necessidade de alterações de atitudes do homem em relação à natureza, o que significa, para alguns estudiosos, "uma forma de pensar" (Lago, 1991).

Em 1854, o Chefe Índio Seattle escreveu ao presidente dos Estados Unidos, Franklin Pierce, "o grande chefe branco de Washington", que pretendia comprar uma imensa faixa territorial de sua tribo, prometendo em troca uma "reserva":

"Como podereis vós comprar ou vender o céu, o calor, a terra? Se nós possuíssemos a frescura do ar e a frescura da água, de que maneira poderia V. Ex.a. comprá-los? Cada pedaço desta terra é sagrado para o meu povo. Cada espinho do pinheiro, cada rio murmurante, cada bruma nos bosques, cada clareira, cada zumbido de insetos é sagrado na lembrança e na vivência de meu povo. A seiva que corre nas árvores lembra meu povo. Nós somos uma parte da terra e ela faz parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs; o cervo, o cavalo, a grande águia são nossos irmãos. As rochas escarpadas, o aroma das pradarias, o ímpeto de nossos cavalos e o homem - todos são da mesma família [...]

Prometemos pensar, na vossa idéia de comprar nossa terra [...]

Não sei, os nossos costumes são diferentes dos vossos. A imagem de vossas cidades faz mal aos olhos do homem vermelho. Mas isso talvez seja porque o homem vermelho é um selvagem e não entende.

Não há mais lugar calmo nas cidades do homem branco, a barulheira parece estourar os ouvidos. O índio prefere o doce assobio do vento, lançando-se como flecha sobre o espelho de um lago, e o aroma do vento, molhado pela chuva do dia, ou perfumado pelo pinheiro [...]

Ensinai também, a vossos filhos, aquilo que ensinamos aos nossos: *que a terra é nossa mãe*. Dizei a eles, que a respeitem, pois *tudo que acontecer à terra acontecerá aos filhos da terra*. Se os homens cospem no chão, eles cospem sobre eles mesmos. Ao menos sabemos isto: a terra não é do homem; o homem pertence à terra. Todas as coisas são dependentes. Não foi o homem que teceu a teia de sua vida, ele não passa de um fio desta teia. Tudo que ele fizer para essa teia estará fazendo para si mesmo.

Há uma coisa que sabemos, e que o homem branco descobrirá, talvez um dia: é que o nosso Deus é o mesmo Deus e sua piedade é igual, para o homem vermelho e o branco. Esta terra lhe é preciosa e danificá-la é cumular de desprezo seu Criador."

Estes trechos da carta do Chefe Índio Seattle mostram a distância que existe das questões básicas de sobrevivência. Ele não enfatiza apenas problemas ambientais, e sim a respeito da sobrevivência do planeta. Quanto mais civilizado o homem se torna, mais difícil fica de conseguir viver com "qualidade".

Há muito se paga o preço pela desvinculação dos seres humanos com a natureza. A degradação ao meio ambiente contribui diariamente para a diminuição da qualidade de vida. A paisagem torna-se cada vez mais cinza e menos saudável. É deixado no esquecimento que o homem não sobreviverá se continuar a poluir os rios ou destruir o que ainda sobrou do cerrado .

Segundo Burle Marx (1987), existem duas formas de paisagens:

- A natural, existente; e
- A humanizada, construída.

Esta última corresponde a todas as interferências impostas pela necessidade do homem, objeto de estudos enquanto paisagistas, ecologistas e ergonomistas.

A tarefa do paisagista adquire uma complexidade cada vez maior. Só com a ajuda dos botânicos, ecologistas e outros técnicos, o paisagista pode interpretar corretamente a paisagem natural, para pensar harmoniosamente em como conceber e executar a paisagem construída.

É obrigação do paisagista ecologista conservar certas espécies ameaçadas, tentando garantir para o futuro a sobrevivência da expressão de beleza que representam e a importância científica que têm.

Esta busca de espécies requer um conhecimento de uma certa familiaridade com as matas e outras formações naturais onde irá buscá-las. Na mata, as plantas estão adaptadas a diferentes níveis: existem as de sub-bosque, as plantas de meia altura, as árvores copadas e as epífitas. A biologia dessas matas está longe de ser conhecida (Burle Marx, 1987). Sobre elas há milhares de aspectos a estudar. Mas, para garantir esta possibilidade, o paisagista deverá combater a destruição das mesmas e procurar refazê-las sempre que possível.

A primeira lei de caráter ambientalista foi a Lei n.º 23.793, de 23 de janeiro de 1934, revogada em 15 de setembro de 1965 pela Lei n.º 4.771 e alterada em 18 de julho de 1989 pela Lei n.º 7.803, atualmente em vigor e conhecida como Código Florestal. O Código Florestal versa sobre a preservação de florestas (art. 1.º) e, indiretamente, indica as características paisagísticas e as áreas com aptidão para as áreas verdes e de lazer nos municípios. Os outros artigos deste Código especificam os locais onde a vegetação natural deve ser preservada e reconhece as florestas como instrumento de preservação, considerando-as "de utilidade às terras que revestem".

É essencial um trabalho com espécies nativas, da região em questão, para que se haja a garantia de um nicho ecológico nas paisagens construídas.

A utilização de espécies nativas no desenvolvimento dos projetos de paisagismo de grandes áreas é importante pelo seu aspecto preservacionista. Lorenzi (1992) afirma que: "A flora nativa, há milhares de anos interagindo com o ambiente, passou por rigoroso processo de seleção natural que gerou espécies geneticamente resistentes e adaptadas ao nosso meio. Já as espécies introduzidas de outros países, denominadas de 'espécies exóticas', não sofreram tal processo e, em hipótese alguma, são substituto ideal para a vegetação nativa em todas as funções que desempenham no ecossistema". Na opinião de Burle Marx (1987), o papel do paisagista no Brasil é:

"O paisagista, no Brasil, goza de liberdade de construir jardins baseados numa realidade florística de riqueza transbordante. Respeitando as exigências da compatibilidade ecológica e estética, ele pode criar associações artificiais de uma expressividade enorme. Fazer paisagem artificial não é negar nem imitar servilmente a natureza. É saber transpor e saber associar, com base num critério seletivo, pessoal, os resultados de uma observação morosa, intensa e prolongada" (Burle Marx, 1987).

Embora, pode-se dispor de um contingente de aproximadamente 5.000 espécies arbóreas, dentro de um conjunto florístico avaliado em 50.000 espécies diferentes, os jardins apresentam, sobretudo, a flora domesticada cosmopolita, e, pelas ruas a arborização é, muitas vezes, feita com espécies exóticas, como plátanos, ligustros, dentre outros. Burle Marx (1987) não concorda com o termo paisagismo: "Repudio esse conceito de paisagismo e tenho lutado contra certas maneiras de urbanização, em que a paisagem natural é totalmente destruída para, em seguida, ser feita uma composição vegetal com plantas divorciadas da realidade paisagística local".

É importante ressaltar, como um dos aspectos mais benéficos no paisagismo de grandes áreas, a diversidade de espécies de árvores e arbustos.

Conclui-se, portanto, que, quanto maior for o número de espécies no ecossistema, e principalmente de espécies nativas, maior será sua capacidade de resistir à adversidade climática. Maior também será sua capacidade de absorver os impactos negativos, como a poluição, e menor a probabilidade da disseminação de pragas e doenças. Desta forma, consegue um microsistema vivo e saudável, composto por diferentes espécies de seres vivos interdependentes

É vital incluir, nas áreas plantadas ou recuperadas, pelo menos 50% de espécies nativas da flora do Cerrado, como afirma Cestaro (1985): “vale ressaltar, também, que as zonas urbanas e alguns pólos industriais (por exemplo o Pólo do Sul) e seus arredores apresentam maior número de espécies de seres vivos do que as áreas agrícolas e as reflorestadas. Perdem, apenas, para as áreas naturais”.

Portanto, pode-se acreditar que é possível recriar meio ambientes vivos e saudáveis, em zonas rurais.

Pode-se classificar as espécies nativas de porte arbóreo e arbustivo em dois grupos:

- *Florestais, como por exemplo:*

O açoita cavalo (*Luhea divarigata*), o angico (*Piptademia rigida*), a bracatinga (*Mimosa bracaatinga*), a canafístula (*Pelthophorum dubium*), a cabreuva (*Myrocarpus frondosus*).

- *Frutíferas, como por exemplo:*

A aroeira-periquita (*Schinus molle*), o araticum (*Rollinia emarginata*), a embaúba (*Cecropia catarinensis*), a guaçatunga (*Banara parviflora*), a canela-fogo (*Cryptocarpa aschersoniana*), a massaranduba (*Persea venosa*).

As espécies nativas frutíferas, além de servir de abrigo à fauna, também funcionam como alimento, especialmente para as aves.

“Talvez essa abordagem possa ambicionar um pouco mais, o próprio re-projeto do nosso habitat comum, a Terra, cada vez mais carente do verde, encaixotado nos mantos escuros de asfalto, e carente do sol, incapaz de filtrar-se pelas copas geométricas dos edifícios gigantescos. "O design possui a chave para transformar a uniformidade fria e insensível da Aldeia Global no calor particularizado da Aldeia Humana" (Manu, 1995).

O paisagismo ecológico aparece aqui, então como mais um instrumento a ser utilizado para se alcançar uma paisagem sustentável, sendo a única saída para conseguir viver em harmonia com o planeta que abriga e sustenta.

Com isso, pode-se perceber a riqueza que o Cerrado oferece na formação de um paisagismo, com a sua diversificação de espécies, capaz de proporcionar diversos benefícios que poderão ser agregados ao turismo rural.

3. ÁREA DE ESTUDO

3.1. Rancho Aguilhada

3.1.1. Localização Territorial

A propriedade denominada Rancho Aguilhada, ocupa uma área total de 55ha e se localiza na porção sudeste do Distrito Federal, Região Administrativa de São Sebastião – RA XIV (figura 9). O acesso se dá próximo à Nova Betânia, pela BR-251, no Km 69, conjunção com a DF 135, distante 4 Km por estrada de terra.

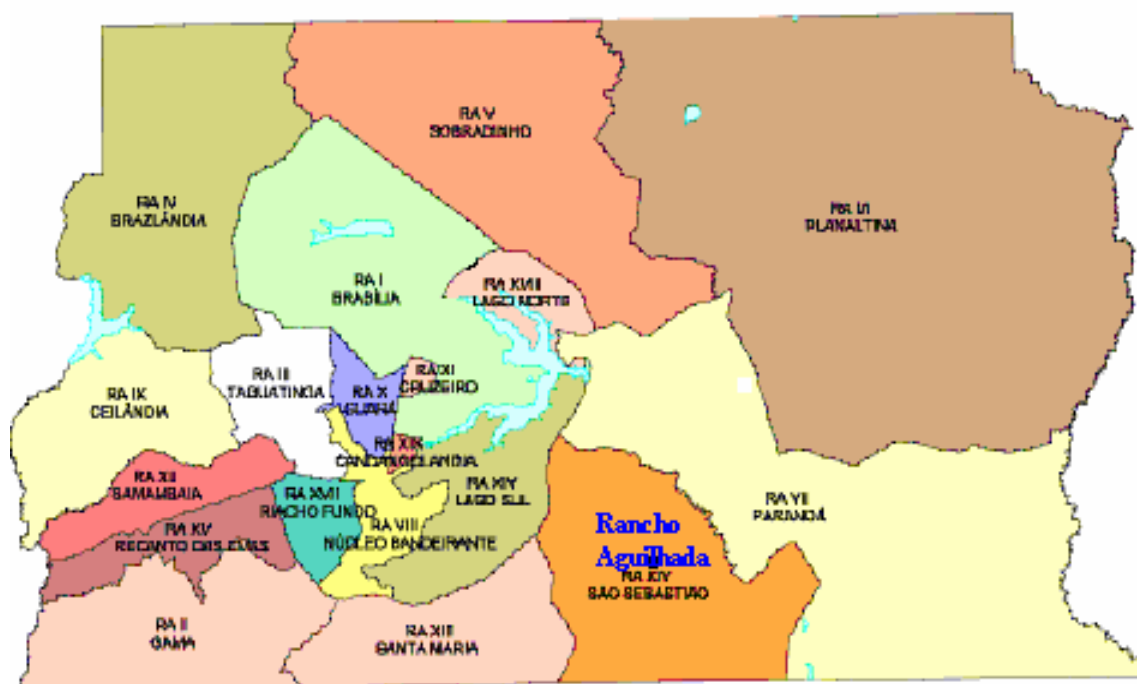


Figura 9 – Mapa das Administrações Regionais do Distrito Federal

Fonte: SEBRAE/DF (2000)

3.1.2. Localização Ambiental

O Rancho Aguilhada situa-se na Área de Proteção Ambiental do Rio São Bartolomeu, de acordo com a Resolução CONAMA nº 13, de 06 de dezembro de 1990.

Abrangendo uma área de 84.100ha, a APA da bacia do Rio São Bartolomeu, criada pelo Decreto Federal nº 88.940, de 07 de novembro de 1983, desempenha um importante papel de corredor de ligação entre a Estação Ecológica de Águas Emendadas, APA de Cafuringa, APA do Lago Paranoá e APA das bacias do Gama e Cabeça-de-veado, reunindo todos os tipos de vegetação, desde o Cerradão até os Campos Rupestres.

3.1.3. Bacia Hidrográfica

O Distrito Federal possui uma característica bastante peculiar, haja vista, que serve como divisor de águas entre as Bacias do Rio São Francisco (Rio Preto), do Rio Araguaia-Tocantins (Rio Maranhão) e Platina (Rio São Bartolomeu e Rio Descoberto).

As águas do Córrego Aguilhada fazem parte da bacia do Rio São Bartolomeu, que faz parte da Bacia Platina.

3.1.4. Hidrologia

O Córrego Aguilhada corta o Rancho Aguilhada no sentido de seu comprimento, sua nascente fica a aproximadamente 1.000 m do ponto onde entra

no rancho. Sua rede de drenagem é pouco detalhada, recebe água de várias nascentes, algumas permanentes e outras perenes ou intermitentes.

Há uma represa no ponto mais jusante do rancho, construída há mais de 20 anos pela extinta PROFLOA. Essa represa serve como tanque para a criação de peixes, área de lazer e fonte de água para irrigação da horta e animais. Em seu ponto mais profundo tem aproximadamente 6,0m de coluna d'água, possuindo no total 45,0m de largura e 200m de comprimento.

Assim como demais córregos do Distrito Federal, o Aguilhada é caracterizado por um ambiente de baixa concentração de nutrientes tais como: fósforo, nitrogênio e baixa condutividade.

3.1.5. Vegetação

A vegetação original é de campo sujo, cerrado típico e mata de galeria. Atualmente grande parte do Rancho Aguilhada é dominada por pastagem. Toda a propriedade é circundada por reflorestamento de *Pinus* incentivados pela PROFLOA, há mais de 20 anos. Dentre as espécies arbóreas identificadas no local destacam-se os gêneros *Solanum* (lobeira), *Croton* (Sangra d'água), *Cecropia* (Embaúba), *Anadenanther* (Angico), *Cariocar* (Pequi), *Hymenaea* (Jatobá), *Cedrela* (Cedro), *Xylopia* (Pimenta de Macaco), *Pterodon* (Sucupira), *Tabebuia* (Ipê), *Dimorphandra* (Faveiro), *Dalbergia* (Jacarandá do Cerrado), *Machaerium* (Carvoeiro), *Sclerolobium* (Pau Terra, Qualea), *Vochysia*, *Connarus*.

No Rancho Aguilhada também existem árvores frutíferas tais como: abacateiros, mangueiras, goiabeiras, cajueiros, jacas, dentre outras.

3.1.6. Fauna

Já foi observada a presença de aves tais como: Mergulhão, garça, gavião, Inhambu, ema e perdiz; alguns roedores (preás e coelhos); e animais peçonhentos (aranhas e cobras). Eventualmente nota-se a visita de lobos guarás às margens do corpo d'água existente. No lago da represa podem ser encontrados carpas vermelhas, trairas, labaris e bagres.

3.1.7. Características

O Rancho Aguilhada atua no ramo de agricultura, pecuária de subsistência e turismo rural. Pode ser dividido em duas sedes (casa principal e casa do filho do proprietário), horta, pasto e mata remanescente.

Na sede principal é o local de maior concentração de impacto da presença humana, ou seja, casas, curral, restaurante, represa, pasto e horta. Na propriedade se cria gado leiteiro, da raça girolando, eqüinos e aves. A produção da horta orgânica é destinada ao suprimento do restaurante instalado no local. Na propriedade se produz milho, girassol, mandioca, cana de açúcar, verduras e legumes. Quando necessário, a irrigação é realizada com água retirada do córrego.

De acordo com o Plano Diretor de Ordenamento Territorial – PDOT, o Rancho Aguilhada enquadra-se dentro de uma Zona Rural de Uso Diversificado – ZRUDs. São áreas destinadas ao uso agropecuário consolidado ou que possa vir a ser implementado. Seu uso se limita a atividades agropastoris e agroindustriais de baixo impacto ambiental, podendo ser também explorada dentro dos moldes técnicos e legais para o lazer.

a) Agroturismo

O Rancho Aguilhada está no roteiro de Turismo Rural do Distrito Federal, apoiado pelo Sindicato Rural do Distrito Federal – SRDF, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE/DF e Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR, recebendo um público variado. Possui uma ampla estrutura que vai desde um restaurante, que serve comidas típicas do Centro Oeste, à churrasqueiras, piscina e parque de banho. A propriedade também aluga o espaço para eventos variados. Outros atrativos oferecidos pelo Rancho Aguilhada são a pesca esportiva, praticada junto à barragem, aluguel de charretes e cavalos para passeios ecológicos.

b) Barragem

Atende a propriedade no fornecimento de água, servindo também como tanque para a criação de peixes e área de lazer.

O rio segue curso através de duas saídas. Na saída da margem esquerda existe um parque de banho constituído com manilhas de concreto, canos de PVC, pedras e seixos. Na margem direita a água passa livremente por um canal de terra sob uma ponte. A jusante da barragem, à esquerda ocorre o encontro com uma nascente perene proveniente de uma grota que serve de divisa com o vizinho.

c) Estradas

As estradas foram abertas principalmente rente às cercas de divisa da propriedade, servindo também como aceiro. A malha viária atravessa o Córrego Aguilhada em dois pontos: um a montante, construída no final de 1998 sob orientação da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal – EMATER/DF, e outro a jusante sobre a crista da barragem.

4. PROPOSTA PAISAGÍSTICA

4.1. Metodologia

Com base nas visitas técnicas à propriedade Rancho Aguilhada, foi possível obter elementos suficientes para elaborar uma proposta paisagística capaz de revitalizar as áreas pré-determinadas, acrescentando novas espécies do Cerrado e deslocando algumas já desenvolvidas. As plantas baixas representativas da proposta se encontram em anexo.

4.2. Descrição das Áreas

a) Área I – Estacionamento

Área total: 1.702m²

Esta área tem como principal objetivo ser a porta de entrada para a propriedade. Serão demarcadas 68 vagas de 4,50 x 2,30 para veículos. Para a composição paisagística desta área serão plantadas algumas mudas de *Ingá cf. marginata* conhecido como ingá-collar ou ingá, devendo ser plantada no espaçamento de 8 metros. É uma espécie utilizada para sombreamento. Esta área será pavimentada com brita nº 01.

b) Área II – Entrada Principal

Área total: 65m²

Esta área deve ser um ponto de dominância, pois ela servirá para transmitir uma impressão de bem estar e aconchego ao visitante. Serão adaptados alguns arcos de ferro de 2,50 x 2,20 no espaçamento de 1m entre os mesmos, pintados com tinta a óleo marrom, no decorrer do corredor e para a composição paisagística serão plantadas mudas de *Bougainvillea Glabra*. É uma espécie utilizada como trepadeira.

c) Área III – Salão de Refeições

Área total: 25m²

Na lateral desta área existe uma trepadeira da espécie *Ipomoea sp.*, a qual faz com que a área escureça (figura 10). É preciso deslocá-la para outra área e substituí-la pela espécie *Clerodendron Thomsonae*, no espaçamento de 0,50cm.



Figura 10 – Lateral do Salão de Refeições

Fonte: Autora do projeto (2004)

d) Área IV – Chalés

Área total: 45m²

À frente dos chalés existem duas árvores da espécie *Dombeya elegans* (figura 11), que atraem abelhas. Se faz necessário deslocá-las para outra área em que os visitantes não terão tanto acesso, a fim de evitar desconforto aos mesmos. Poderá ser feita a substituição pela espécie *Tabebuia sp.* conhecida como **Ipê**, de cores variadas. Ao fundo e na lateral serão introduzidas mudas da espécie *Ipomoea sp.*, no espaçamento de 0,50cm, para cobrir a cerca já existente.



Figura 11 – *Dombeya* sp. em frente aos chalés

Fonte: Autora do projeto (2004)

e) Área V – Quiosque do Artesanato

Área total: 16m²

Neste local serão expostos alguns objetos artesanais que são produzidos na propriedade. Para a composição paisagística desse serão utilizadas mudas da espécie *Pyrostegia venusta* conhecida como **Flor-de-São-João**, no espaçamento de 0,50cm, a fim de cobrir a estrutura do quiosque.

f) Área VI – Área em Frente ao Bar

Área total: 9m²

Esta área oferece perigo ao visitante. Será necessário cercá-la com um muro de arrimo, de 1m de altura, recoberto com a espécie *Scindapsus aureus*, conhecida como **Jibóia-verde**, no espaçamento de 0,50cm, deixando uma abertura ao meio de 1m para a circulação dos visitantes, adaptando alguns degraus e bancos de madeira.

g) Área VII – Piscina

Área total: 2.308,5m²

Contornando esta área serão plantadas mudas da espécie *Mansoa difficilis*, conhecida como **Cipó-de-sino**, no espaçamento de 0,50cm, com a finalidade de cobrir a cerca de arame contendo 1m de altura. Esta área será dividida ao meio por uma cerca, conforme a anterior, onde terá a piscina à frente. A área de trás servirá para leitura, descanso e proporcionará tranquilidade, contendo um pergolado de 2,50 x 2,50, de ferro, coberto pela espécie *Pyrostegia venusta* conhecida como **Flor-de-São-João**. Haverá, também, um redário, feito com mastros de 2m x 3m. Ao fundo desta área já existe um pomar, o qual será enriquecido com mudas das espécies *Eugenia sp.*, *Hancornia speciosa*, *Annona sp.* (figura 12).



Figura 12 – Vista da piscina

Fonte: Autora do projeto (2004)

h) Área VIII – Represa

Área total: 375m²

Haverá cerca de arame de 1m de altura, coberta pela espécie *Alpinea purpurata* conhecida como **Gengibre-vermelho**, contornando a lagoa, a fim de proporcionar segurança aos visitantes. Já existe ao centro da lagoa um ancorador, com alguns degraus de madeira, o qual ganhará um pergolado de ferro de 2,50 x 2,50, com mudas da espécie *Bougainvillea Glabra*, e bancos para os visitantes apreciarem o local. À frente da cerca serão adaptados bancos ao redor de um jardim já existente (Figura 13).



Figura 13 – Vista da represa

Fonte: Autora do projeto (2004)

i) Área IX – Acesso a Churrasqueira

Área total: 25m²

Esta área dá acesso a churrasqueira, a piscina e a represa. Algumas mudas de *Impatiens walleriana* conhecida como **Maria-sem-vergonha**, no espaçamento de 0,50 m, irão compor o paisagismo do local. A mesma será pavimentada com bolachas de madeira de eucalipto tratado.

j) Área X – Acesso a Cascata

Área total: 90m²

O caminho de 90,00 x 1,00m será delimitado por toras de madeira roliças com 0,60cm de altura, no espaçamento de 0,40cm entre elas, para enriquecer o percurso que dá acesso a cascata.

k) Área XI – Cascata

Área total: 76m²

Nesta área já existem algumas espécies. Serão acrescentadas mudas das espécies variadas de *Philodendron sp.* para valorizar o local.

5. RESULTADOS

A proposta inicial deste projeto se baseia unicamente em utilizar espécies do Cerrado para compor o paisagismo na propriedade que se vale do Turismo Rural “Rancho Aguilhada”. Porém a dificuldade em obter espécies nativas ornamentais, comprometeu, de certa forma, a idéia principal do projeto. Contudo as que foram mencionadas são nativas do Brasil e se adaptam facilmente ao Cerrado. Entretanto não houve dificuldades em utilizar espécies de árvores, frutíferas ou não, pois são mudas de fácil obtenção.

Esta proposta paisagística foi aceita pela proprietária do local, Sra. Divina Martins Ribeiro de Castro, a qual pretende desenvolvê-lo, pois acredita no paisagismo como uma variável representativa para o desenvolvimento e enriquecimento de seu empreendimento turístico rural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, Joaquim Anécio; Riedl, Mário. Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento. Bauru, SP: Edusc, 2000.

Almeida, Semíramis Pedrosa de; Proença, Carolyn Elinore B.; Sano, Sueli Matiko; Ribeiro, José Felipe. Cerrado: espécies vegetais úteis. Planaltina, DF: EMBRAPA – CPAC, 1998.

Ansarah, Marília Gomes dos Reis. Turismo segmentação de mercado. 2. ed. São Paulo: Futura, 2000.

Assad, E. D.; Sano, E.E.; Matsumoto, R.; Castro, L. H. R.; Silva, F.A.M. Veranicos na região dos cerrados: frequência e probabilidade de ocorrência In: Chuva nos cerrados: análise e especialização, coord. Assad, E. D. Brasília: EMBRAPA-SPI, 1994, pág. 43-48.

Barbosa, Antonio Carlos da Silva. Paisagismo, jardinagem & plantas ornamentais. 5. ed. São Paulo: Iglu, 1989.

Barbosa, Antonio Carlos da Silva. Paisagismo, jardinagem & plantas ornamentais. São Paulo: Iglu, 2000.

Barreto, Margarita. Manual de iniciação ao estudo do turismo. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

Barros, J. G. do C. Caracterização geológica e hidrogeológica. In: Cerrado: Caracterização, ocupação e perspectivas (Org.). 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993, pág. 265-283.

Beni, Mário Carlos. Análise estrutural do turismo. 1. ed. São Paulo: Senac, 1998.

Brandão, Mitzi; Brandão, H. A árvore, paisagismo e meio ambiente. Belo Horizonte: VCI, 1992.

Cestaro, L. A. Vegetação no ecossistema urbano In: Encontro Nacional sobre Arborização Urbana – ENAU. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1985.

Charles, Darwin. A origem das espécies. Belo Horizonte: Vila Rica, 1994.

Coelho, Ricardo Motta Pinto. Fundamentos em Ecologia. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

Del Rio, V.; Oliveira, L. de. Percepção ambiental: a experiência brasileira. São Carlos, SP: Nobel, 1996.

Duarte, Laura Maria Goulart. Tristes cerrados. Sociedade e biodiversidade. Brasília: Paralelo 15, 1998.

Duarte, Laura Maria Goulart; Theodoro, Suzi Huff (orgs.). Dilemas do cerrado: entre o ecologicamente (in) correto e o socialmente (in) justo. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

Eliovson, S. Os jardins de Burle Marx. Rio de Janeiro: Salamandra, 1991.

EMBRAPA. Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados. Chuva nos cerrados: análise e espacialização / Eduardo Delgado Assad (org.); Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Brasília: EMBRAPA-CPAC: EMBRAPA – SPI. 1994.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Funari, Pedro Paulo; Pinsky, Jaime (orgs). Turismo e patrimônio cultural. São Paulo: Contexto, 2001.

Goedert, W.J. Uso e manejo dos recursos naturais do cerrado: solo e clima, In: SIMPÓSIO SOBRE O CERRADO, 5, 1979. Brasília, DF. Cerrado: uso e manejo. Brasília: Editerra, 1980, pág. 475-498.

Graf, A. B. Tropica, color Cyclopedia of exotic plants and trees. New Jersey, USA: Roehrs Company, 1981.

Haridasan, M. Solos In: Cerrado: caracterização, ocupação e perspectivas / Maria Novaes Pinto (org.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993 – 2. ed., pág. 321-344.

Lago, P. F. A consciência ecológica, a luta pelo futuro. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991.

Lorenzi, Harri. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. São Paulo: Plantarum, 1992.

Manu, A. Mínima moradia. Florianópolis: LBDI, CTAI, 1995.

Marx, Roberto Burle. Arte & paisagem: conferências escolhidas. São Paulo: Nobel, 1987.

Motta, F. L. Roberto Burle Marx e a nova visão da paisagem. São Paulo: Nobel, 1983.

Odum, E. P. Ecologia. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

Pereira, H. H. dos S. Mata Atlântica. Rio de Janeiro: AC&M – Assessoria de Comunicação e Marketing, 1985.

Pinto, Maria Novaes (org). Cerrado – caracterização, ocupação e perspectivas. Brasília: Edunb, 1993.

Sano, Sueli Matiko. Cerrado: ambiente e flora. Planaltina, DF: EMBRAPA – CPAC, 1998.

SEBRAE/DF. A questão ambiental: o que todo empresário precisa saber – Distrito Federal / Coordenação de Rosalvo de Oliveira Júnior – SEMATEC e Newton de Castro – SEBRAE/DF. Brasília: SEBRAE/DF, 1997.

SEBRAE/DF. Gestão ambiental e o meio ambiente do Distrito Federal. Brasília: SEBRAE/DF, 2000.

SEBRAE/DF. Turismo rural no Distrito Federal e entorno. Brasília: SEBRAE/DF, 2003.

Serrano, Célia Maria Toledo; Bruhns, Heloísa Turini. (orgs). Viagens à natureza – turismo, cultura e ambiente. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.

Winters, George Harold Miskimen. Apostila do curso avançado de paisagismo. Holambra, SP, 1992.

Yázigi, Eduardo (org.). Turismo e paisagem. São Paulo: Contexto, 2002.

ANEXOS

a) ÁREA 1 - ESTACIONAMENTO

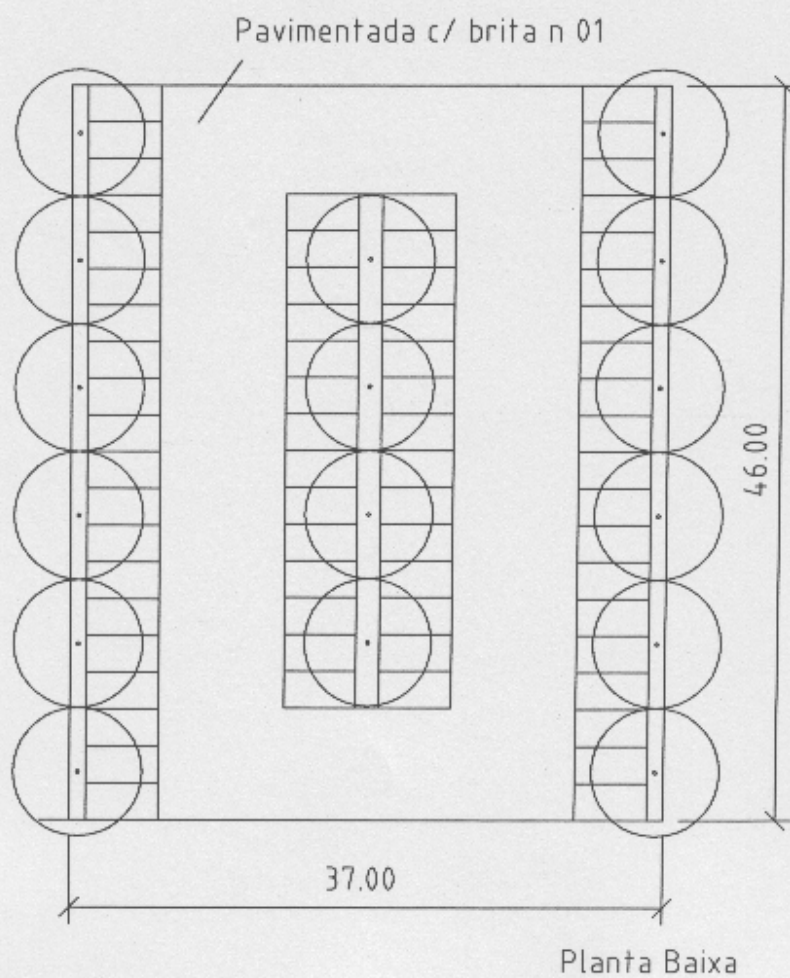
Área total: 1702 m²

68 Vagas (2,30 m x 4,50m)

ÁRVORES:

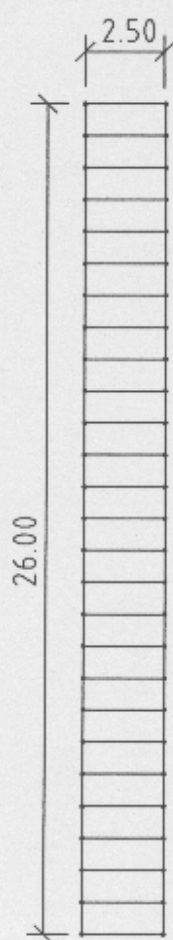
ESPÉCIE: Inga cf. marginata/ Inga

Espaçamento : 8 m



b) ÁREA 2 - ENTRADA PRINCIPAL

Área total: 65 m²

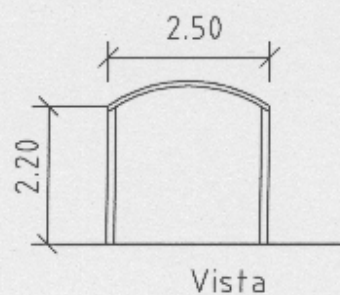


PERGOLADO

ESPÉCIE: Bougainvillea Glabra

Estrutura: Ferro pintado com tinta óleo marrom

Espaçamento : 1 m

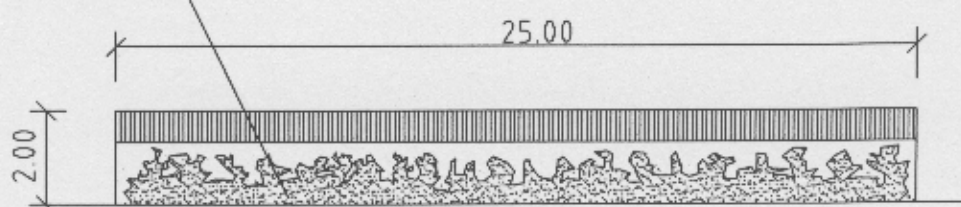


c) ÁREA 3 - SALÃO DE REFEIÇÕES

Área total: 25 m²

Espécie trepadeira que cobrirá a estrutura de madeira.

OBS: Estrutura existente



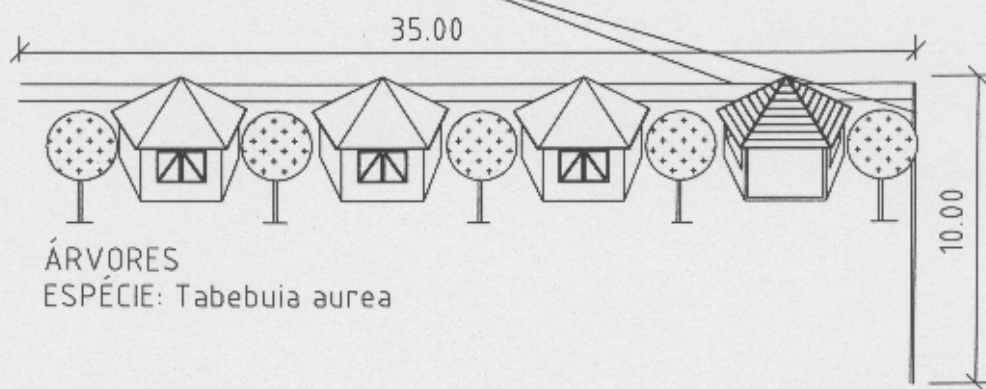
ESPÉCIE: *Clerodendron Thomsonae*

Espaçamento : 0,50 m

d) ÁREA 4 - CHALÉS

Área total:--

OBS: Estas cercas serão vivas, a espécie é uma trepadeira.

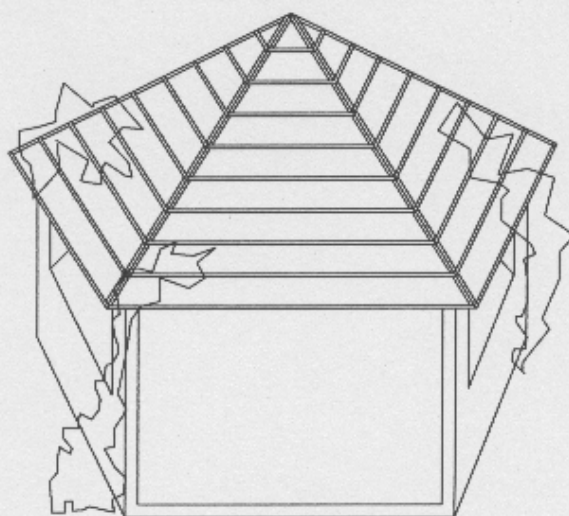


ÁRVORES
ESPÉCIE: Tabebuia aurea

CERCA
ESPÉCIE: Ipomoea sp.
Espaçamento : 0,50 m

e) ÁREA 5 - QUIOSQUE DO ARTESANATO

Área total:

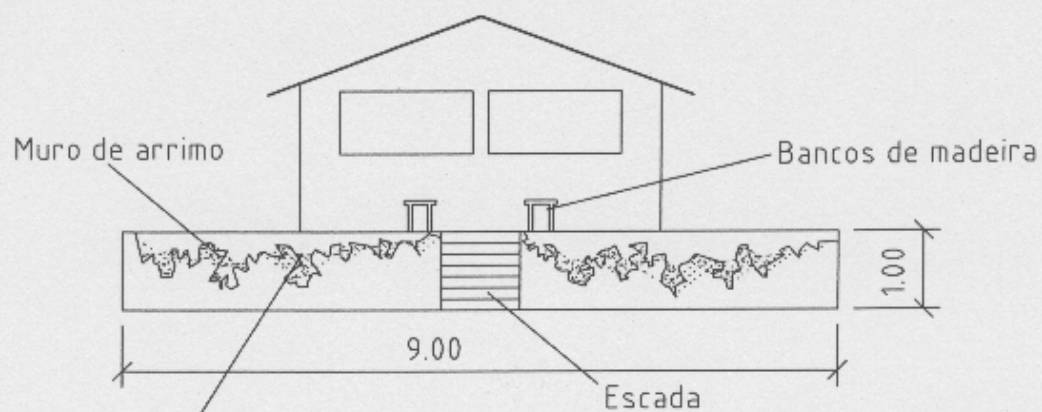


OBS: Estas mudas servirão para cobrir a estrutura do telhado. São trepadeiras.

ESPÉCIE: *Pyrostegia venusa* / flor-de-são-joão
Espaçamento : 0,50 m

f) ÁREA 6 - ÁREA EM FRENTE AO BAR.

Área total: 9 m²



ESPÉCIE: *Scindapsus aureus* / Jibóia-verde

Espaçamento : 0.50 m

OBS: A jibóia será plantada em cima do muro de arrimo.
Atrás do muro terão bancos de madeira.

g) ÁREA 7 - PISCINA

Área total: 2308,5 m²

Cerca viva
Estrutura de madeira e arrame

Pomar

Redário
Mastros
Pergolado

ESPÉCIE: *Mansoa difficilis* /
Cipó-de-sino

Espaçamento : 0,50 m

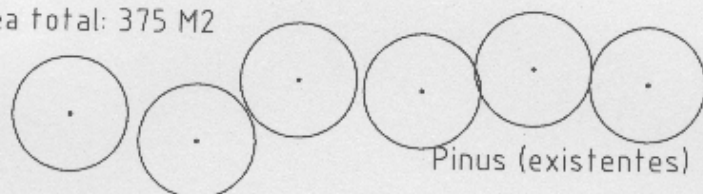
Gramma

Piscina

Piscina

h) ÁREA 8 - REPRESA

Área total: 375 M2



Pergolado (2,50 m x 2,50 m)

ESPÉCIE: Bougainvillea Glabra

Bancos de madeira em baixo do pergolado

Cerca viva / estrutura de madeira e arrame

ESPÉCIE: Alpinia purpurata / gengibre- vermelho

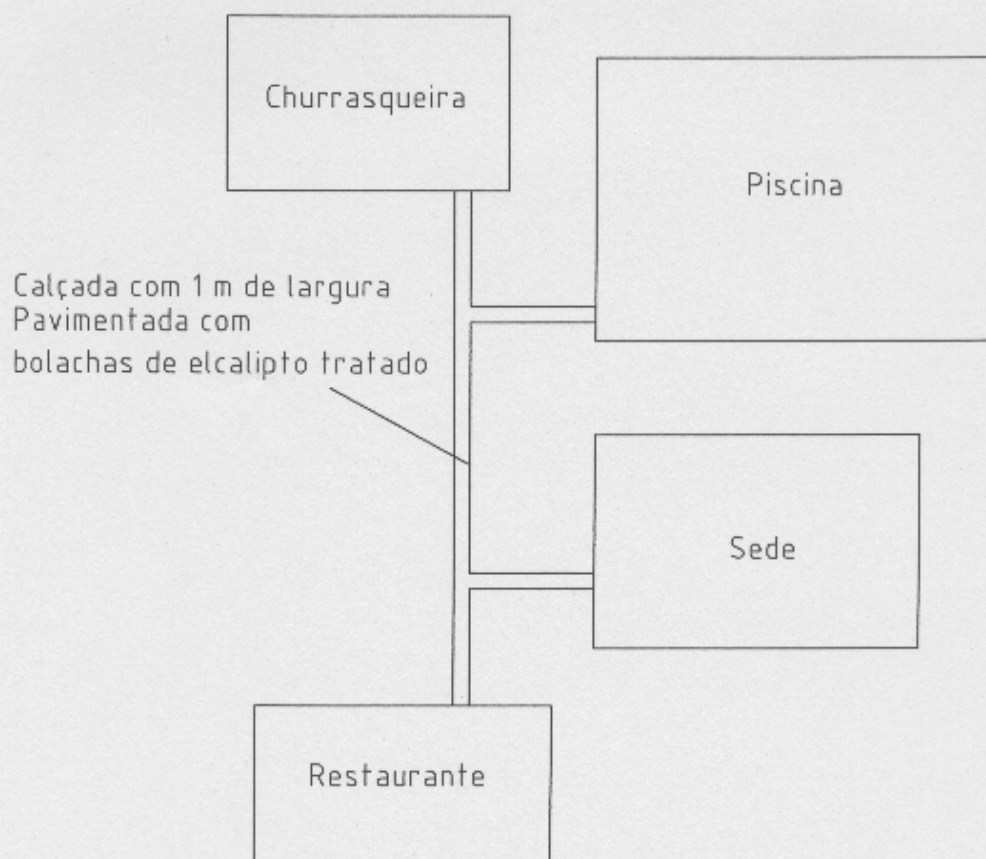
Espaçamento : 0,50 m

Bancos de madeira ao redor da plantação



i) ÁREA 9 - ACESSO A CHURRASQUEIRA

Área total: 25 m²



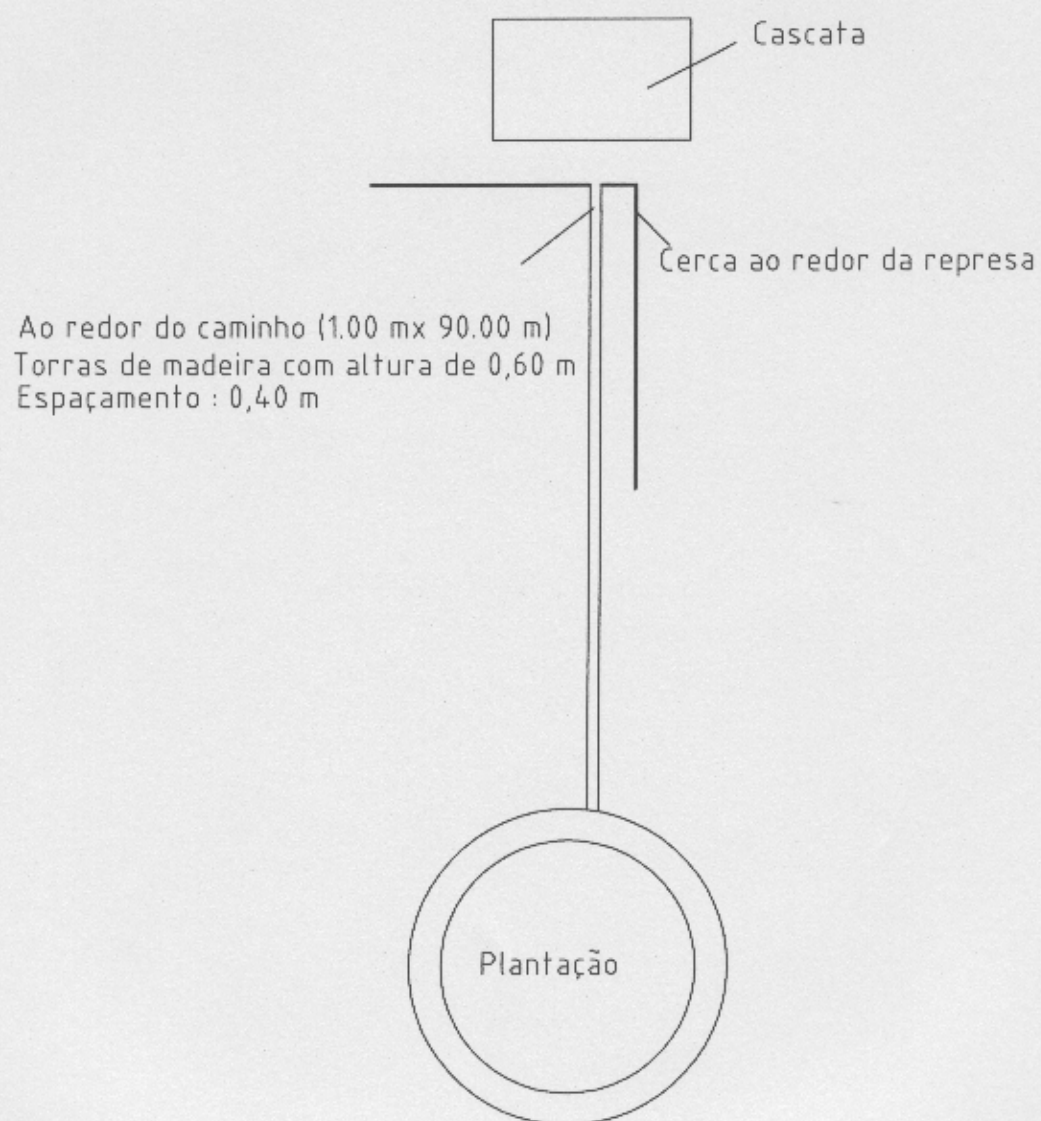
ESPÉCIE: *Impatiens Walleriana* (maria-sem-vergonha)

Espaçamento : 0,50 m

OBS: Plantada ao redor de todo caminho

j) ÁREA 10 - ACESSO A CASCATA

Área total: 90 M2



K) ÁREA 11 - CASCATA

Área total:

